

# MANUAL CURVA

LIVEMIX

2025



# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>2</b>
<b>CAPÍTULO 0</b> Diagnóstico participativo	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO 1</b> Linguagem e dinâmicas de trato inclusivo	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 2</b> Consciência social e diversidade na programação	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 3</b> Práticas e modelos de apoio ao processo de programação	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO 4</b> Práticas e modelos de apoio à comunicação	<b>34</b>
<b>EXEMPLO PRÁTICO</b> Festival CURVA	<b>43</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>47</b>
<b>ANEXOS</b> Especialistas Glossário	<b>49</b>

Esta publicação foi desenvolvida pela **Circuito**, no âmbito do projeto **CURVA** apoiado pela **LIVEMX**, através de um financiamento da União Europeia. Este projeto pretende promover um processo de capacitação colaborativo para informar práticas de programação mais inclusivas e diversas em salas e clubes com programação própria.

## COORDENAÇÃO

Bê Duarte  
Saya Mohamed  
Márcio Laranjeira

## REDAÇÃO E TRADUÇÃO

Cristiana Vale Pires

## DESIGN E DIAGRAMAÇÃO

Raquel Martins

## PESSOAS AUTORAS

### CAPÍTULO 0

Dani Ribas

### CAPÍTULO 1

Pip Marinho  
ROD

### CAPÍTULO 2

DIDI  
Danilo Cardoso

### CAPÍTULO 3

Reina del Mar  
Tita Maravilha

### CAPÍTULO 4

Maria de Carvalho  
Amina Bawa

A equipa do **CURVA** agradece a todas as pessoas que participaram e colaboraram no projeto, incluindo as pessoas que participaram na formação e às venues e outras organizações que representaram.



b.leza



DAMAS

LUX  
FRAGIL



SOCIEDADE  
HARMONIA  
EBORENSE  
ASSOCIAÇÃO SEM FINS LUCRATIVOS  
FUNDADA EM 1842



## PARA QUEM E PARA QUÊ?

O **CIRCUITO** é a principal rede nacional para a valorização, proteção e desenvolvimento das salas e clubes com programação própria de música popular ao vivo (a partir de agora venues). A rede afirma que uma das suas dimensões é a “o envolvimento das comunidades e impacto social”, “através de uma programação cultural que procura ser diversificada e inclusiva”, permitindo “o estabelecimento de práticas emergentes desenvolvidas à margem dos circuitos comerciais” podendo afirmar-se como “espaços de ativismo e participação”.

O **CIRCUITO** é constituído por 17 venues em todo o país. O **Relatório de Atividades do CIRCUITO** apresenta um balanço do panorama nacional de salas com programação de música ao vivo que integram a rede, o seu impacto no sector e também dados relativamente à representatividade da identidade de género de artistas programadas. **CURVA** é um projeto multidisciplinar da **CIRCUITO** que tem como objetivo transformar a programação musical em Portugal, promovendo diversidade, inclusão e representatividade. Este projeto inovador foi um dos 27 selecionados na segunda call do programa europeu **LIVEMX** (financiado pela União Europeia), que apoia iniciativas que fortalecem o impacto social e cultural da música ao vivo. O projeto **CURVA** busca desenvolver estratégias inclusivas para diversificar a programação musical em Portugal, promovendo representatividade de artistas mulheres, trans, BIPOC, além de criar ferramentas práticas para profissionais do setor.

Este manual, foi redigido a partir dos conteúdos e reflexões apresentados por especialistas em diversidade e inclusão durante as sessões, mentoria e capacitação colaborativa que integraram o curso **CURVA** (9 sessões subdivididas por 5 módulos). Este curso teve como público-alvo pessoas programadoras das 17 venues que integram a rede **CIRCUITO**, com o objetivo de desenvolver competências de programação mais representativas.

Desta forma, este manual surge como um guia prático para a promoção de estratégias inclusivas para diversificar a programação musical em Portugal, garantindo a acessibilidade e sustentabilidade dos conteúdos produzidos durante o Curso **CURVA**.

### Nota da redatora

A escrita e estruturação deste manual baseou-se nos conhecimentos, conceitos, práticas e reflexões de cada uma das pessoas especialistas que participou como formadora no curso **CURVA**. No trabalho de redação, procurei respeitar e dignificar as suas linguagens e estilos de comunicação e, por esse motivo, a escrita e concetualização vão variando entre capítulos, seguindo assim a cadência e preferências curatoriais de cada uma das pessoas autoras. Cada especialista trouxe a este curso uma cosmovisão muito própria, rica, ética e gentil, com potencial concreto para informar práticas de programação (e não só) mais inclusivas e diversas. Se estão a ler estas palavras é porque estão à procura. Sugiro então que se relacionem com estes conteúdos com mente aberta, disponibilidade e curiosidade, e que estes vos estimulem na expansão dos vossos conhecimentos e processos de experimentação criativa.

# NORMAS DE USO DESTE MANUAL

## Resistir no processo, não resistir ao processo

Este manual inclui conteúdos que contestam ativamente o status quo das práticas de programação nas venues, incluindo as desigualdades que perpetuam. Por isso, é importante começar este processo de capacitação de mente aberta, disponibilidade para processos de autocrítica reflexiva e para gerar novas perspetivas e possibilidades de programar. As pessoas autoras deste manual são especialistas, e partilham as suas perspetivas a partir do seu lugar de fala, das suas aprendizagens práticas e teóricas e das suas reflexões.

Desta forma, este manual é um convite a ouvir.

## Definir a intenção

“Sim, é importante que todas as programações sejam diversas, mas nós não queremos uma falsa diversidade, às vezes é assumir que o espaço ou o programa o quer fazer ou não, e segue o baile.”

*(Tita Maravilha)*

## Auto-julgamento ≠ Auto-crítica

Este manual deve ser entendido como “um espaço em constante construção, sem ideias fixas e com a consciência de que aprender requer largar o medo de errar. Não convidamos o autojulgamento que nos congela, impede de ouvir e tentar fazer melhor.” *(Pip Marinho)*

## Da responsabilidade à responsabilização

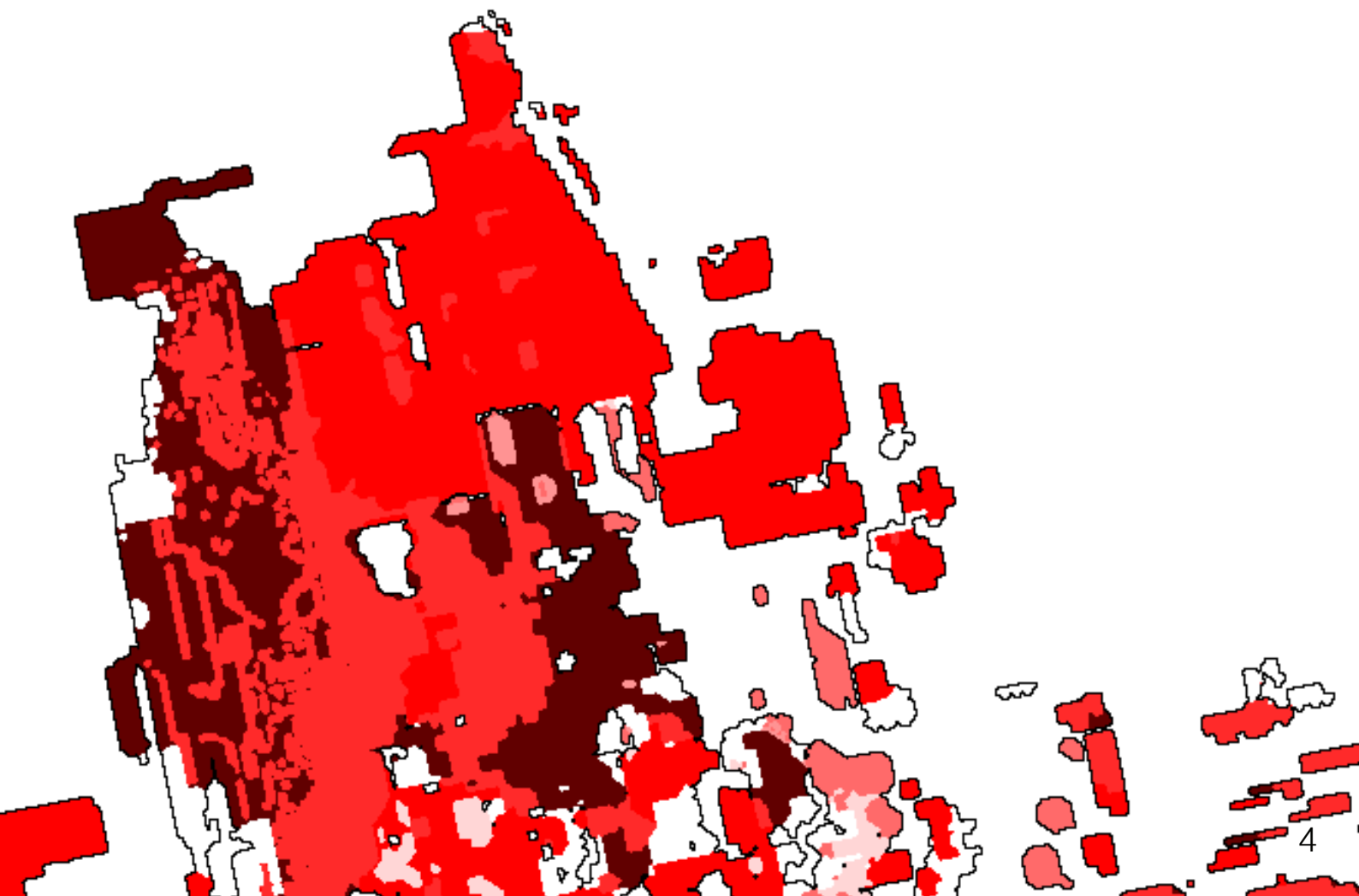
Não basta reconhecer que se tem privilégio. Antes de mergulhar no manual, é importante fazer um exercício de contemplação e reflexão sobre o que se procura aqui e a real intenção de mudança. Este manual não pretende apenas formar, mas também inquietar e apelar a compromissos objetivos.

## Convite para sair de um lugar de consciência social

É importante saber mais sobre os temas e causas sociais e aprender sobre ferramentas e materiais para promover inclusão e diversidade. No entanto, saber não basta. É fundamental perguntar-se “o que vou fazer com isto? Para que é que quero estas ferramentas?” (Danilo Cardoso). Este manual traz algumas provocações, mas também pistas sobre o caminho que podemos seguir para práticas e linguagens de programação mais inclusivas e diversas.

## Não há fórmulas mágicas

O mundo é diverso, por isso nenhum modelo one-size-fits-all serve o processo de representar essa mesma diversidade. Não vão encontrar aqui um manual de instruções ou uma “receita para bolos”, mas vão encontrar oportunidades de reflexão, questionamento e expansão de perspectiva que vos informará nos vossos processos individuais e coletivos de transformação das vossas práticas de programação.



# CAPÍTULO 0

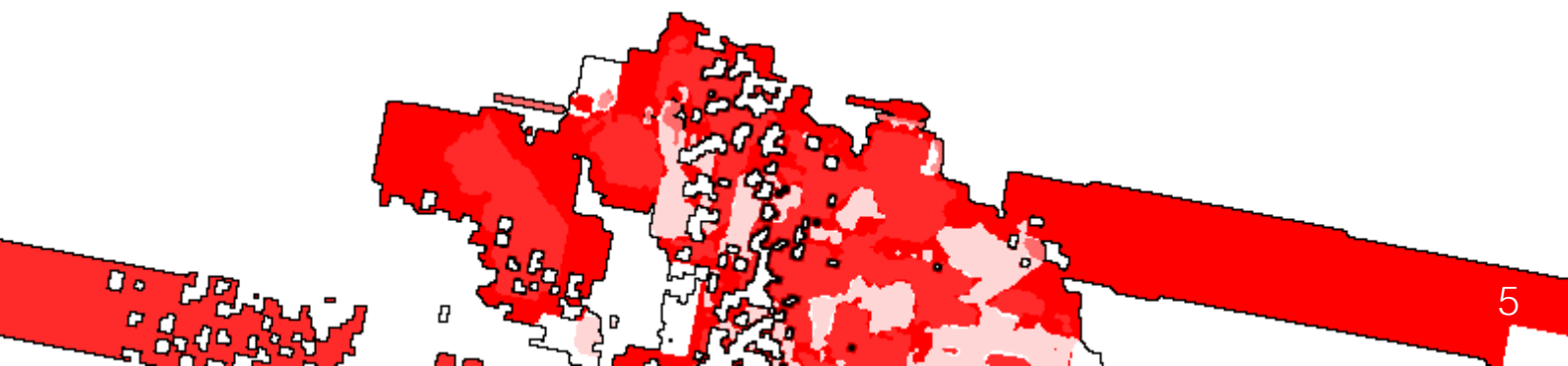
## DIAGNÓSTICO RÁPIDO PARTICIPATIVO

O Diagnóstico Rápido Participativo é uma técnica colaborativa voltada para a reflexão crítica e propositiva sobre problemáticas culturais. Em poucas horas, permite que quem participa analise desafios, hierarquize prioridades e construa soluções de forma coletiva, democrática e não hierarquizada. A ferramenta valoriza as experiências e percepções individuais, promovendo consensos e corresponsabilização na resolução de problemas.

Seja no planejamento, no acompanhamento ou na avaliação de projetos, o diagnóstico funciona como um espaço de escuta e construção conjunta, onde as pessoas participantes não apenas identificam questões, mas também propõem estratégias práticas para solucioná-las. A flexibilidade e o diálogo são centrais, reforçando o compromisso com ações inclusivas e relevantes ao contexto cultural do território. No final, os resultados não apenas orientam ações futuras, mas também fomentam a reflexão crítica sobre práticas culturais, criando caminhos para abordagens mais inclusivas e transformadoras.

Este manual apresenta um diagnóstico elaborado com o grupo de pessoas formandas no curso CURVA (11 pessoas a colaborar em 8 organizações). As pessoas formandas foram divididas em dois grupos de trabalho, trabalhando de forma colaborativa no exercício de mapeamento de dificuldades e possíveis soluções, com apoio de Dani Ribas e de um guião semiestruturado e orientador. Esta primeira sessão envolveu, desta forma, as pessoas participantes na discussão e definição colaborativa e consensual sobre os desafios, dificuldades, prioridades e possíveis soluções para promoção de práticas de programação inclusiva e diversa.

Abaixo apresentam-se as tabelas elencando os conteúdos produzidos em cada grupo, de forma a visibilizar o seu esforço coletivo e também as comunalidades e diferenças das suas propostas.



# GRUPO 1

PROBLEMA DETECTADO	SOLUÇÃO
1) Como construir espaços seguros para a possibilidade da prática de programação inclusiva.	Fomentar a ideia de que a venue é um agente mediador entre o público e o espaço.
2) Dificuldade na garantia que tanto o front-office como o back-office partilhem os mesmos valores relativos à questão da diversidade.	Criar métodos de melhor comunicação/formação das equipas para com esta problemática.
3) Faltam recursos para enfrentar a bolha programática - o papel do programador enquanto voz de comunidades que não a sua.	Contratar pessoas com experiências próximas ou representativas dessa realidade para apoiarem ou cogerirem o processo programático.
4) Recurso recorrente a artistas-exemplo em nome da diversidade.	Partilha de informação entre artistas, público e equipas de programação.
5) Faltam parâmetros para definir o que é uma programação inclusiva - que outras margens existem para além das óbvias.	Definição de critérios e terminologia que tornem mais concreta o que é uma programação diversa.

# GRUPO 2

PROBLEMA DETECTADO	SOLUÇÃO
1) Falta de capacitação dos programadores para garantir a diversidade.	<ul style="list-style-type: none"><li>- Desenvolvimento de parcerias e redes entre programadores e entidades.</li><li>- Desenvolvimento de formações.</li><li>- Criação de guias/manuais de boas práticas.</li></ul>
2) Dificuldade em construir espaços seguros, onde exista uma representatividade real das comunidades que têm sido minoritárias no setor das artes e da cultura.	<ul style="list-style-type: none"><li>- Envolver as comunidades na definição dos espaços e da programação.</li><li>- Desenhar, implementar e tornar visíveis os códigos de conduta.</li><li>- Políticas de recrutamento diverso e inclusivo.</li><li>- Formação ao staff (atendimento, prevenção e promoção de um espaço seguro, entre outros).</li></ul>
3) Dificuldade em garantir a sustentabilidade financeira.	<ul style="list-style-type: none"><li>- Fomentar uma comunicação ativa com entidades privadas que possam patrocinar projetos da venue.</li></ul>
4) Situação política/contexto social sensível da localização da venue.	<ul style="list-style-type: none"><li>- Fomentar o diálogo e mediação com a 'vizinhança'.</li><li>- Envolver as comunidades locais em arte participativa.</li></ul>
5) Fracas políticas públicas de apoio às entidades culturais e à inclusão.	<ul style="list-style-type: none"><li>- Coletivismo/Associativismo</li><li>- Criar sinergias para fazer pressão política.</li><li>- Criar informação detalhada e sustentada em dados/indicadores.</li></ul>

Os resultados dos dois grupos variaram na identificação e hierarquização das necessidades/prioridades e possíveis soluções, no entanto apresentam dimensões comuns que demonstram as dificuldades que têm na operacionalização de uma programação diversa e inclusiva.

**Falta de referências claras e orientadoras** - falta de clareza, critérios e informação clara sobre o que significa programação inclusiva e diversa. No entanto, esta prioridade revela também que o grupo procura definições estáveis e linhas orientadoras “feitas à medida” que guiem o seu processo. No entanto, o planeamento de implementação de medidas e ações promotoras de inclusão é um campo altamente experimental, e uma área que se inicia, antes de tudo, num processo individual e coletivo de questionamento e expansão e perspetiva.

**Necessidade de capacitação** - que vem da falta de conhecimento, mas também da falta de referências.

**A necessidade de alargar o conceito de programação inclusiva e diversa para além dos line-up** - devem ser criadas políticas de espaço seguro que devem ser aplicadas a toda a venue e seu staff.

**Dificuldades conjunturais** - como falta de políticas públicas, apoio à cultura e à transversalização de práticas inclusivas neste setor, sustentabilidade financeira, contexto político e social. No entanto, a conjuntura externa não deve ser usada como argumento para justificar a inércia. Independentemente das políticas públicas de apoio à diversidade e inclusão no setor cultural, é a motivação e comprometimento organizacional que guiam e orientam este processo transformativo.

Na sequência desta sessão, Dani Ribas partilhou que “mediar a aplicação da metodologia Diagnóstico Rápido Participativo - DRP com o grupo de pessoas programadoras do **Circuito Live** no Projeto **CURVA** foi uma experiência produtiva, enriquecedora e transformadora. A metodologia tem como objetivo diagnosticar situações vividas pelos participantes e incentivar reflexões críticas e propositivas sobre a realidade, buscando soluções a partir da interlocução e da construção de consensos e compromissos entre os participantes. Isso garantiu que o trabalho coletivo não redundasse apenas em críticas e em lamentações, mas direcionasse o olhar para a responsabilidade de cada uma na construção de espaços mais acolhedores e igualitários. Assim, o coletivo não ofereceu resistência às questões levantadas e se mostrou bastante disponível para o trabalho. Embora ainda haja muito a ser feito, tenho certeza de que todas as pessoas programadoras saíram do Diagnóstico DRP se coresponsabilizando, ou seja, sabendo que a construção de espaços mais representativos depende de todes, e, principalmente, de cada uma.”

Os capítulos seguintes deste manual procuram capacitar e também partilhar possíveis soluções que podem ser implementadas na prática para solucionar estas e outros obstáculos à implementação de dinâmicas e processos de programação e curadoria inclusiva e diversa nos espaços de música ao vivo.



# CAPÍTULO 1

## LINGUAGEM E DINÂMICAS DE TRATO INCLUSIVO

A minha identidade é a lente  
pela qual eu experiencio o mundo  
e ocupo este lugar de fala.

**Pip Marinho**

Isto não é sobre linguística.  
É sobre a nossa humanidade.

**Pip Marinho**

Este capítulo apresenta os fundamentos da inclusividade em programação, incluindo o papel estratégico da linguagem inclusiva e a sua relevância nas relações e interações sociais e profissionais e cultura organizacional. No setor cultural e artístico, a linguagem inclusiva engloba o uso correto de termos que considerem e viabilizem as vivências, experiências e preferências em relação à diversidade de género, sexual, de identidade/atribuição racial, corporal, de origem e outras dissidências.

O uso adequado de terminologias inclusivas e afirmativas em relação às experiências de pessoas LGBTQIA+, racializadas, migrantes, gordas, com diversidade funcional/deficiência, entre outras, surge como um catalisador de transformação social. Estas práticas podem contribuir para a diversificação e promoção de criatividade cultural, representatividade artística, condições igualitárias de trabalho e remuneração, valorização identitária nas práticas de programação artística e cultural, consequente sensibilização para a diversidade humana dos públicos que acedem à cultura. Desta forma, este capítulo pretende promover uma cultura mais acessível, equitativa e respeitosa para com as diversas identidades dissidentes, através da sensibilização e capacitação de programadores culturais para o uso da linguagem inclusiva na curadoria, comunicação e produção de espetáculos ao vivo.


*Os conteúdos que aqui se apresentam são da autoria de Pip Marinho e de Rodrigo Ribeiro Saturnino (ROD).*

# COMPREENSÃO DO CONCEITO DE LINGUAGEM INCLUSIVA

## O que é inclusão?

Inclusão é um conceito complexo, multifacetado e ambíguo sendo por esse motivo bastante debatido e difícil de definir. É também uma palavra que por vezes é usada de forma parcial, considerando apenas condições e práticas de acessibilidade (e.g., braille, rampa de acesso) e programação mas desconsiderando a representatividade nas estruturas de gestão.

Neste manual, entendemos a inclusão de forma abrangente, incluindo as dinâmicas que permitem o acesso e a participação de pessoas e grupos sociais historicamente oprimidos e invisibilizados a espaços, oportunidades e lugares de representação, de liderança e gestão.



**1.**  
Acesso igualitário  
a oportunidades,  
direitos e espaços,  
independentemente  
da sua identidade,  
origem ou condição.

**2.**  
Fazer parte do todo.  
Não é sobre dar voz  
a quem não a tem,  
é sobre reconhecer  
que sempre tiveram  
voz, mas nem sempre  
foram ouvidas.

**3.**  
Não é fazer um favor a grupos  
marginalizados, mas reconhecer  
que a diversidade fortalece  
qualquer ambiente e enriquece  
experiências coletivas.

## Porque é que a inclusão importa?

### **A inclusão resgata a dignidade humana.**

Não é um favor ou um ato de caridade; é um reconhecimento da dignidade e do direito de todas as pessoas a existirem plenamente na sociedade. Quando alguém é excluído de espaços culturais, sociais ou profissionais, a sua humanidade é reduzida.

Os piores inimigos do radicalismo não são aqueles que se opõem a ele, mas aqueles que fingem estar do nosso lado e, depois, nos pedem para termos paciência.

**Sylvia Rivera**

**A inclusão permite que as pessoas sejam elas mesmas.** Muitas pessoas marginalizadas sentem que precisam de esconder partes de si para serem aceites. A verdadeira inclusão cria um ambiente onde ninguém precisa de se camuflar para pertencer.

**A inclusão melhora as relações e cria empatia.** A exclusão não afeta apenas quem está de fora, mas também empobrece quem está dentro e detém privilégio.

Quando a diversidade é ignorada, perdemos a oportunidade de construir relações mais ricas, aprender com o outro e ampliar nossa visão de mundo.

## O papel da linguagem na promoção de inclusão

A linguagem é uma das formas mais poderosas de controlo social. Mas também é um espaço de resistência.

**bell hooks**


### **A linguagem não só reflete a nossa identidade, mas também a constrói.**

O modo como nos referimos a grupos de pessoas, aos indivíduos e até mesmo a nós mesmos, tem um impacto direto nas dinâmicas de poder e nas relações sociais.

**A linguagem não é moralmente neutra; está profundamente ligada às estruturas de poder e à construção de identidades sociais.** É também nela que as relações de poder são manifestadas e reforçadas. As escolhas linguísticas podem reforçar ou desafiar normas sociais dominantes.

A linguagem é o meio pelo qual produzimos a nossa própria subjetividade, mas também o meio pelo qual podemos subverter as normas sociais que nos subjugarão.

**Judith Butler**



A linguagem é a base da compreensão do mundo, e a capacidade de usar linguagem reflete a nossa capacidade de perceber a realidade e modificar a sociedade.

**Noam Chomsky**

**A linguagem é, ao mesmo tempo, um reflexo e uma formadora de culturas.**

Ela transmite e mantém as tradições, as crenças e os valores de uma sociedade, e simultaneamente, alimenta as mudanças culturais ao longo do tempo.

**A linguagem não se esgota na comunicação oral e escrita e na forma de falar.**

A linguagem pode ser entendida também a partir da forma como a organização se apresenta para o seu público e para a sociedade em geral, e o que comunica a partir das políticas de inclusão que expressa (e.g., *representatividade/falta de diversidade do staff*).

Eu consigo ver a linguagem de uma organização a partir daquilo que ela mostra à sociedade.

**ROD**

## Reconhecimento de preconceitos e problemáticas atuais linguísticas e comportamentais

A peça “Outra Língua”, criada e interpretada por Keli Freitas, Nádia Yracema, Raquel André e Tita Maravilha, **aborda a marca do colonialismo que a língua portuguesa carrega**: genocídios, imposição da língua sobre outras línguas indígenas e africanas. A violência da colonização está “escrita” na língua em expressões como “Lista Negra”, “Mercado Negro”, “a coisa está preta”, “Mulata”...

“Estás a denegrir a minha imagem”

Outras expressões, carregam um histórico de opressão e reforçam estereótipos raciais, normalizando a **associação entre “negro” e algo negativo**.

O **apagamento de línguas indígenas** é também apresentado como um crime histórico que precisa ser reconhecido.

“A forma de falar das pessoas que estão nas esferas de poder é o que define que a sua variante seja considerada a certa, a prestigiada.”

A peça desmonta a ideia de que existe um "erro de português", revelando que **o preconceito linguístico está ligado a desigualdades sociais e económicas.**

O português não normativo é frequentemente ridicularizado, mas isso reflete um preconceito contra quem fala e não contra a língua em si.

Em vez de ridicularizar, **celebremos a inteligência de quem não acede à mesma educação, como nós, mas comunica de forma igualmente digna, ou ainda mais criativa.** Para além disso, a linguagem “para além das palavras” do setor das artes e da cultura em Portugal tem vindo a tornar-se gradualmente mais inclusivo e representativo. No entanto, **ainda predomina a escassez de dados que permitam caracterizar o panorama nacional em termos de representatividade étnico-racial, de outras nacionalidades ou de outros tipos de diversidade.** Estes setores continuam ainda a reproduzir o que a história colonial determinou, representando fundamentalmente pessoas brancas, europeias e, particularmente, homens cis.


No entanto, é crucial que estes setores acompanhem os debates internacionais que têm vindo a demonstrar uma maior preocupação com as ausências que têm vindo a reproduzir e a implementar ações concretas no sentido da diversidade.

Este manual e o projeto que o promove procuram oferecer um contributo nesse sentido.

É ainda fundamental **vigiar e refletir sobre eventuais dinâmicas que instrumentalizem e capitalizem a partir das causas sociais, como o feminismo e antirracismo, para se posicionarem ou afirmarem uma agenda adequada ao debate internacional ou para se posicionarem em financiamentos públicos.**

A imagem da colónia ainda permanece na forma como o país é gerido e a cultura e a arte fazem parte dessa gestão.

**ROD**



Façam agora um mapeamento mental e tentem pensar numa pessoa negra num cargo de poder.

**ROD**

A instrumentalização das pessoas negras e de outros grupos sub-representados nas artes e na cultura como mais-valia e capital social para agregar valor a um projeto ou iniciativa (tokenismo), sem considerar o seu real envolvimento nas estruturas de gestão e decisão, constituem práticas coloniais que devem ser contestadas.

As instituições devem refletir e alterar de forma intencional as práticas estruturais em termos de manutenção do monopólio do poder que reproduzem. Sem este investimento, a inclusão de pessoas negras, trans e outros grupos historicamente oprimidos representam apenas alterações cosméticas e consumistas, por se basearem na exploração e posterior descarte e pagamento dos talentos e dores destas pessoas.

## Estratégias práticas e ferramentas para uma comunicação respeitosa e inclusiva

*“A linguagem inclusiva pode ser uma resposta cultural ao reconhecimento das múltiplas identidades humanas, e uma tentativa de remover as barreiras que a linguagem tradicional pode criar”*

**Pip Marinho**

A linguagem vai além de um simples meio de comunicação, sendo uma ferramenta poderosa na construção das nossas realidades sociais, culturais e históricas.

A linguagem não é apenas um meio de comunicação; ela é um campo de batalha.

**Michel Foucault**

Ao entender o poder da linguagem, **podemos transformá-la para criar uma indústria da música mais inclusiva, onde todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas.**

A linguagem é a base da compreensão do mundo, e a capacidade de usar linguagem reflete a nossa capacidade de perceber a realidade e modificar a sociedade.

**Noam Chomsky**

Com mais diversidade nas vozes que nos rodeiam (equipa, artistas e outros) compreendemos melhor como a linguagem não é apenas um reflexo da sociedade, mas um poderoso instrumento de transformação.

Ao desafiar as normas linguísticas, podemos criar uma sociedade mais inclusiva, onde as identidades de todos são respeitadas, e as hierarquias de género, raça e classe podem começar a ser desafiadas.


**A forma mais inclusiva de falar é primeiro saber ouvir.** Nesse sentido, é importante respeitar as formas de tratamento preferenciais das pessoas com quem trabalhamos, por exemplo, com que nome preferem ser tratadas e que pronomes usam.

Estas questões podem ser perguntadas e adicionadas a eventuais formulários ou troca de emails, de forma a obter a informação previamente e preparar o staff para um acolhimento adequado e respeitoso.

**Saber ouvir também significa ter em conta as reivindicações de grupos historicamente sub-representados.** A título de exemplo, a **UNA! - União Negra das Artes**, tem como foco a agregação de artistas negros nos setores artísticos e culturais, e criou um manifesto e propões ações afirmativas e de reparação que procuram quebrar o ciclo de invisibilidade e aumentar a sua representatividade nestes setores. Da mesma forma, o **Coletivo Afrontosas** procura advogar pela representatividade de pessoas racializadas queer.

Estas plataformas divulgam e apresentam também o trabalho artístico de várias pessoas negras, e pode ser consultado para recrutar pessoas e estabelecer colaborações para a promoção de linguagens inclusivas nas políticas e práticas de programação.

**A inclusão diz também respeito à integração de pessoas e grupos minoritários no setor das artes e da cultura no campo da gestão e da programação, e não apenas na produção da arte.** Nos últimos anos tem-se observado a mudança de mentalidade de programadores no sentido de aumentar a diversidade e representatividade na sua curadoria artística.



No entanto, estes setores ainda repetem uma estrutura de gestão de herança colonial, baseada de monopolização e da manutenção do privilégio pelos grupos que historicamente herdaram o poder, em particular, pessoas brancas, europeias e particularmente homens brancos cis.

Eu costumo dizer que uma das estratégias é, não ser só convidado, mas também ter a possibilidade de convidar.

**ROD**

Neste sentido é fundamental que reflitam sobre como essa representatividade surge não apenas na sua programação, mas também na sua estrutura de gestão. O acesso de grupos historicamente desprivilegiados, em particular de pessoas negras, e que permanecem minoritários nestes setores trazem consigo uma agenda a partir do seu lugar de fala. As quotas surgem como um sistema que procura promover equidade criando mecanismos de pressão social que facilitam o acesso de grupos que não tiveram as mesmas oportunidades em termos de formação e de construção de mérito a espaços de poder e de gestão.

A pessoa vai programar a partir de um contexto que vocês não dominariam, em termos de histórica, de estética, de abordagem, de linguagem e que vai ser destoante de forma positiva e que não se torna tokenização.

**ROD**

Para evitar práticas de tokenismo numa programação inclusiva, devem ser convidadas as pessoas que se pretendem representar não apenas como artistas convidadas mas também como co-curadoras, ou curadoras responsáveis.

**A co-curadoria permite estabelecer uma relação de trabalho paritária e colaboração igualitária, de partilha de espaço e deixando que a pessoa tome decisões a partir do seu lugar de fala.**

# CAPÍTULO 2

## CONSCIÊNCIA SOCIAL E DIVERSIDADE NA PROGRAMAÇÃO

A importância da consciência social e da incorporação das diversas identidades na programação é crucial para alcançar eventos e projetos mais inclusivos e alinhados com a realidade atual e diversa que nos caracteriza. Refletir o respeito à diversidade na execução de line-ups mais inclusivos é um passo fundamental para evitar práticas branco-centradas, ocidentais, cis-centradas e heteronormativas.

Ao incluir diferentes identidades racializadas, de origem, corporais e não normativas, promove-se uma cultura artística mais representativa e conectada à sociedade.

Se falamos de inclusão é porque existe, obviamente um processo de exclusão e de negação de certas realidades.

**DIDI**

Isso permite que o público final se veja refletido e representado, fortalecendo o impacto e a relevância das iniciativas de programação. O objetivo é capacitar os participantes a desenvolverem projetos e ações que promovam a inclusão e a representatividade, criando espaços acolhedores, equitativos e que celebrem a diversidade como um valor essencial. Este capítulo introduz noções e questionamentos fundamentais para estimular a consciência social e a reflexão sobre prioridades a considerar na promoção de inclusão e diversidade em contexto de programação, formas de organização de line-up, e curadorias, de políticas de casa, formas de contacto com as audiências e comunidades para quem se programa. A partir da reflexão e contributos de Danilo Cardoso (**Grupo EducAR**) e Di Candido (**DIDI, CURVS, THE BLACKER THE BERRY, AFRONTOSAS**), nesta secção apresentam-se pontos críticos fundamentais para estimular mudanças nos paradigmas dominantes da programação cultural e artística em Portugal, e prioridades para o desenvolvimento de práticas de inclusão e acessibilidade para pessoas e grupos historicamente oprimidos.



## Branquitude, pacto narcísico e de manutenção do privilégio

Artistas e agentes culturais racializadas e com identidades dissidentes expressam que em **Portugal persiste a crença eurocêntrica e ocidental em geral, de que só há uma “forma de se fazer”** e que “outras formas de se fazer” constituem uma ameaça à identidade instituída.

Eu via quase todos os espaços a organizar festas queer mas não podiam dizer que eram espaços LGBTQIA+.

**DIDI**

Neste contexto, só existe uma forma de se programar e de se fazer cultura, e **olha-se com desconfiança e receio para outras linguagens que vão surgindo a partir das margens** (e, portanto, fora da norma convencionada) como se estas comprometessem a identidade nacional. Surgem ideias como “não vou dar conta”, “não vai dar certo”, “não vai ter audiência”, “vai associar a minha casa a uma identidade ou causa específica”.

Afeto carnavalesco é esse frenesim de fazer uma coisa in..., mas qual é a distância entre esse afeto carnavalesco e o quotidiano?

**Danilo Cardoso**

No esforço de tentar acompanhar o movimento global em torno da promoção de diversidade na programação musical, vão surgindo práticas de tokenismo como incluir um nome musical para representar ou afirmar diversidade, ou promover noites para determinadas comunidades (e.g., noite africana), mas sem alterar o status quo das práticas de programação convencionadas.

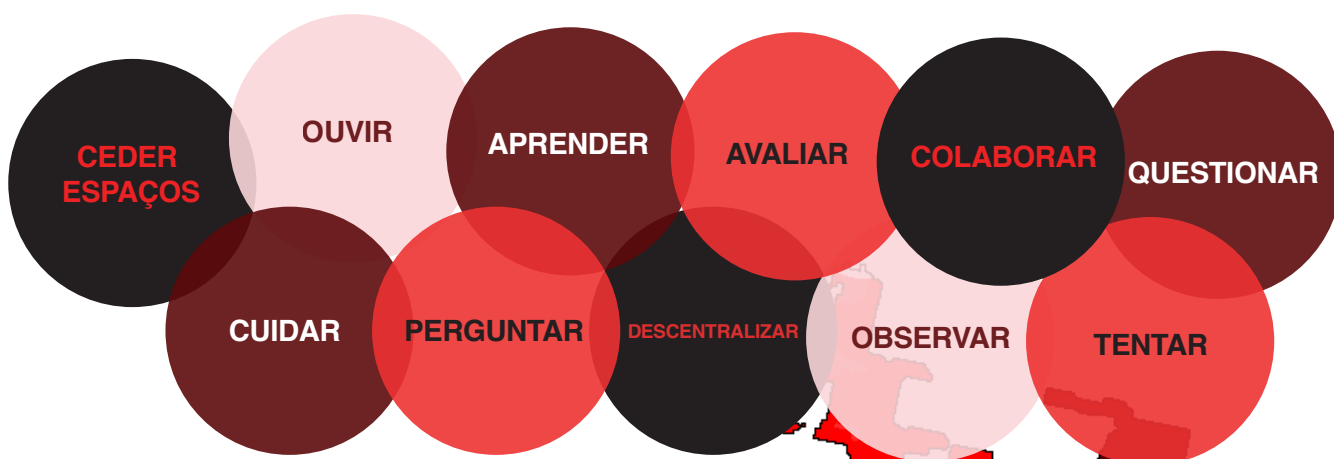
Dessa forma, **a tentativa de acompanhar as tendências internacionais não reflete um esforço comprometido de associação às causas sociais e nem de questionamento e tentativa de alterar as dinâmicas de poder instituídas.** Assim, é importante sublinhar que o convite a artistas de grupos marginalizados se deve fazer acompanhar ou até anteceder de uma **convivência e acompanhamento dessas pessoas no sentido de perceber se as suas necessidades e prioridades são consideradas.** Importa também aceitar a possibilidade de se falhar e errar no contacto e acolhimento a estas pessoas e comunidades. **A expectativa de agradecimento, que em essência reproduz uma dinâmica colonial, deve ser substituída por um diálogo que permita um feedback genuíno.** Um processo colaborativo de monitorização, avaliação e aprendizagem contínua reforça o comprometimento pessoal e institucional que favorece a melhoria das condições de acessibilidade, cuidado e inclusão.

A capitalização de causas pode também vir de um lugar de medo de cancelamento ou de sobrevivência porque se percebe que é possível capitalizar a partir da diversidade. A monetização de sonoridades e linguagens performativas diversas, constituem muitas vezes um campo de apropriação cultural porque vão afirmar e beneficiar quem programa e o grupo maioritário que ele e o seu público representam.

Como referimos no capítulo anterior, não é suficiente aumentar a diversidade na programação, mas também aumentar a representatividade nas posições de decisão. O relatório **REPAREM!**, elaborado por ROD, demonstra que esses lugares continuam a ser ocupados por pessoas brancas e europeias. Em contraste, as posições de subalternidade continuam a ser ocupadas por pessoas racializadas e migrantes. Uma programação diversa e inclusiva procura formas de quebrar com este padrão. Aqui é importante questionar-se **como é que se pode partilhar o privilégio e reconhecer as limitações do que se entende como programação inclusiva e diversa?**

## Como promover práticas de programação inclusiva?

Não há fórmulas mágicas e receitas universais para promover práticas de programação e curadoria artística e cultural inclusivas e diversas. No entanto, há processos, éticas de trabalho e dinâmicas relacionais fulcrais a qualquer processo de reflexão e ação individual e organizacional nesse sentido.



## Antes de mais, importa questionar-se:

Como me benefico do colonialismo e de outros sistemas de opressão?

O que me vem à cabeça quando penso em fazer uma programação mais diversa?

Qual é a minha intenção real? O que é que quero fazer e porquê?

Porque é que quero aprender e o que é que pretendo fazer com todo este conhecimento que estou a adquirir?

Porque é que eu não conheço determinade artista/projeto/estilo de música?

Será que eu entendo o que está a acontecer no meu país em termos de novos circuitos artísticos?

Estou a negar acesso a novas ideias ou a outras linguagens de arte e cultura?

O que está a acontecer fora dos grandes centros de cultura de Porto e Lisboa?

Como é que o meu colega está a trabalhar? Com que artistas se tem relacionado?

Qual é o meu real comprometimento para a criação de um espaço seguro?

O meu espaço está preparado para receber e responder a denúncias?

Como é que se trata? Quem trata?

Importa apostar na **capacitação e na aprendizagem** contínua, mas principalmente em criar um compromisso para a aplicação dos conhecimentos e recursos adquiridos.

Apostar em formação sobre temas de inclusão e diversidade, mas também fazer leituras e promover momentos de aprendizagem coletiva nas organizações em que trabalham.

Curadoria é uma busca por entender realidade... Trazer para dentro e cuidar essas comunidades.

**DIDI**

A capacitação também implica **falar e estabelecer pontes de diálogo com movimentos ativistas locais, ou com pessoas e grupos com experiência** de vida que podem orientar a definição do plano de ação.

O processo de programar de forma mais diversa e inclusiva **não implica mudar de públicos ou de audiências**, mas sim estender esse processo de aprendizagem às pessoas e comunidades que consomem a oferta cultural do espaço/evento onde se programa. Procura também ampliar o público para aproximar as comunidades que não se sentem representadas na programação atual, e acham que essa cultura não é para si.

Uma programação diversa pode criar um contexto para a divulgação de histórias, causas, uma nova cena musical. Os espaços podem criar os seus canais de comunicação (e.g., redes sociais) para educar e informar.

**Questionar as nossas ideias pré-concebidas sobre o que é um determinado tipo ou estilo de música.** É importante manter-se curioso e estar preparado para aprender e estender o repertório de possibilidades de determinado estilo musical (e.g., música eletrônica).

**Qual é o conceito que temos de determinados estilos musicais?**

**Que música atribuímos ou relacionamos a artistas e audiências brancas?**

**E racializadas?**

**A programação inclusiva e diversa é ancorada em éticas de cuidado.** Quando se abordam temas de diversidade e inclusão e se trabalha com grupos marginalizados é fundamental partir de uma base de afeto e evitar um pensamento universal.

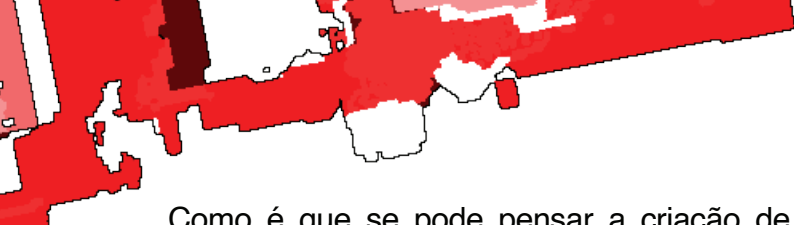
**Até que ponto se estrutura uma base social se não se consideram as circunstâncias de vida dessas pessoas?** Para além de termos consciência social, é importante termos consciência histórica, e os traumas e exclusões que esta perpetua. Desta forma é importante criar pontos de engajamento entre a programação para que essas pessoas se sintam acolhidas e se sintam confortáveis para dialogar com o seu espaço/evento.

Se não há cuidado e respeito,  
há violência.

**Danilo Cardoso**

Conscientização é um conceito que vai para além da tomada de consciência. Consciencializar é tomar consciência. Mas ter consciência não diz nada. A consciência tem de extrapolar até à ação.

**Danilo Cardoso**



Como é que se pode pensar a criação de um processo curatorial com as pessoas que representam grupos minoritários? Tem condições para participar de forma sustentável e confortável? O fee considera transporte dentro e fora do espaço/evento? Que facilidades ou alternativas de remuneração damos a pessoas artistas que estão em situação irregular no país?

Como estabelecer políticas de porta que às vezes são pontos de apontamentos repressivos disfarçados de pontos de segurança? Esta questão é particularmente relevante tendo em conta os traumas e receios que pessoas racializadas, pessoas em situação irregular e grupos sociais marginalizados têm em relação à polícia e à segurança. Estas pessoas ficam mais expostas e menos protegidas em caso de rusgas policiais.

**Tem práticas de avaliação e follow-up?**

**Como é que as pessoas se sentiram?**

**A programação envolve também pensar nas bases de acesso aos eventos artísticos e culturais e em práticas de acessibilidade económica.**

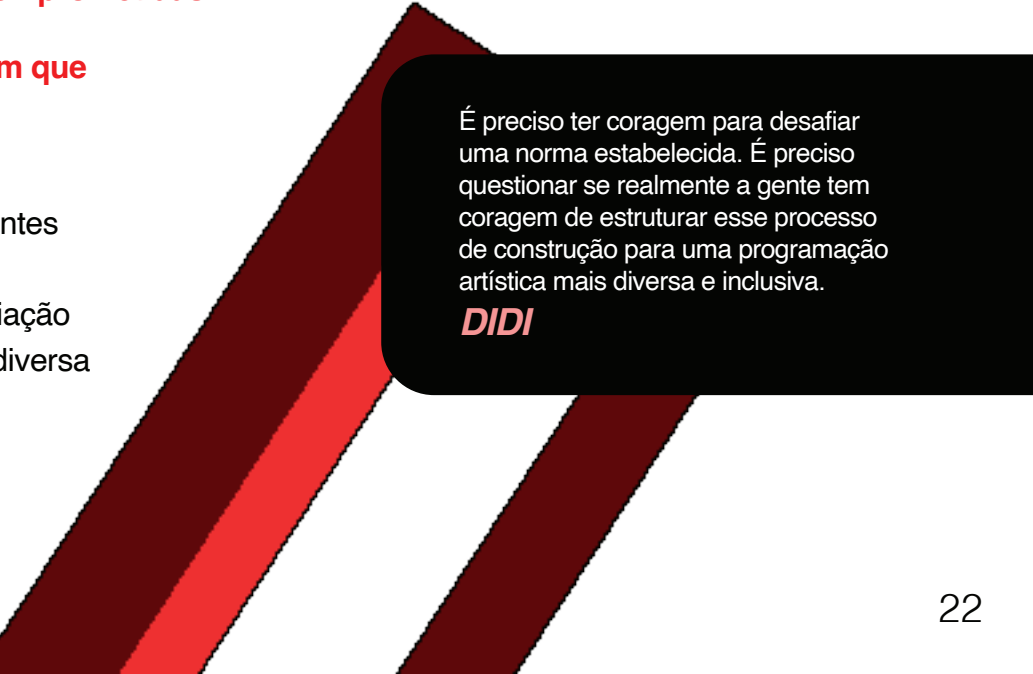
**Há políticas de bilhetes a preços sociais para promover o acesso de comunidades historicamente marginalizadas que de outra forma não vão poder aceder aos espaços?**

Programar de forma mais diversa e inclusiva implica **olhar para a forma como as dinâmicas organizacionais reproduzem as dinâmicas de poder e exclusão, e pensar em formas de humanizar os espaços.** É importante observar de que forma as dinâmicas de colonialidade e discriminação se expressam no quotidiano dos espaços culturais e artísticos.

**As estruturas de gestão e liderança do espaço/evento estão comprometidas?**

**Quem limpa os espaços em que trabalhamos?**

É importante estabelecer pontes de diálogo direto com essas pessoas e envolvê-las na criação de uma programação mais diversa e um espaço mais seguro.



É preciso ter coragem para desafiar uma norma estabelecida. É preciso questionar se realmente a gente tem coragem de estruturar esse processo de construção para uma programação artística mais diversa e inclusiva.

**DIDI**



## Implementar políticas espaço seguro

Informar sobre o conceito e critérios de segurança do espaço/evento.

Garantir representatividade no staff.

Host/pessoa responsável na festa com competências para intervir em caso de denúncia.

## Habilitar espaços físicos com pessoas profissionais em questões de violências sociais e discriminações.

Um exemplo disso seria implementar nos espaços/venues/festivais o **“Ponto Marrom”**, um projeto idealizado e original de **Saya Mohamed**. O Ponto Marrom consiste na instalação de uma barraca/tenda física com informações e pessoal qualificado, representando inclusão e diversidade: pessoas negras, racializadas, migrantes, trans e outras dissidências.

Essas pessoas seriam responsáveis não só por fornecer informações para prevenir violências sociais, anti-LGBTQIA+, racistas, xenofóbicas, gordofóbicas, etc., mas também por prestar assistência a quem possa ter sido vítima dessas violências. Dessa forma, garante-se que pessoas representativas e com experiência na temática assumam a responsabilidade de preservar um ambiente menos hostil, contribuindo para a criação de um espaço um pouco mais seguro.

**Descentralizar é observar também o que se programa fora dos centros Lisboa e Porto e “sair das nossas bolhas de afeto.”**

# CAPÍTULO 3

## PRÁTICAS E MODELOS DE APOIO AO PROCESSO DE PROGRAMAÇÃO

Este capítulo apresenta uma abordagem às ferramentas, estratégias e modelos que auxiliam no planeamento, desenvolvimento e execução de uma programação e curadoria cultural e artística eficiente e inclusiva. Serão identificadas práticas experimentais que promovem a organização, a colaboração e o alinhamento com princípios de diversidade e acessibilidade. Serão abordados métodos de curadoria que valorizam a diversidade e a inclusão, ferramentas para o planeamento colaborativo e participativo de projetos e modelos de apoio para a tomada de decisão em processos de programação.

Os conteúdos aqui sistematizados baseiam-se em estudos de caso focados em processos e exemplos práticos de programações bem (ou não tão bem) sucedidas desenvolvidas e implementadas por **Reina del Mar** e por **Tita Maravilha**. As abordagens e práticas partilhadas são informadas pela sua experiência experimental, exploratória e transfeminista, focando-se nas metodologias que aplicam, como pensam programas e conceitos e também a perspetiva de artistas que são curades e programades.

Nós fazemos isto porque acreditamos, porque sentimos que há lacunas que têm de ser preenchidas, porque há propostas que talvez se não as fizermos mais ninguém faz.

**Reina del Mar**

Vamos lidar com as possibilidades dos sonhos e pensar na movida do futuro... pensar o passado, viver o presente, perspetivar o futuro.

**Tita Maravilha**

Este capítulo pretende convidar es programadores e curadores a criar espaço e tempo para implementar práticas organizacionais experimentais e criativas que resultem em programações mais acessíveis, representativas e coerentes com os valores de equidade e respeito às múltiplas identidades e perspetivas.

## Problemáticas e urgências nas práticas de programação

A partir das suas experiências como “artista caótica porém lúdica” e “que programa e é uma artista que é programada”, Tita Maravilha desenvolveu uma “pedagogia dos memes” que procura contrariar alguns binarismos e diluir fronteiras que criam obstáculos concretos à programação e curadoria inclusiva e diversa. Assim, é importante observar algumas problemáticas e urgências para abrir e explorar novas possibilidades.

**A precariedade é transversal ao sistema das artes, na forma como se estrutura, é financiado e também nas formas como remunera.**

**É urgente promover consciência de classe e interseccionalidade dentro das artes e des agentes culturais.**

**“Quem são as pessoas que programamos?”**

**“Porque é que trazemos estas pessoas e não outras?”**

**“Que relação se tem com as comunidades e linguagens sub-representadas nas artes?”**

**“Porque é que tenho interesse em compartilhar momentos com essas comunidades?  
E o que é que tem de ser feito?”**

### Lugar de fala vs. Lugar de falha

Metaforicamente, o lugar de falha diz respeito ao que está para além das aparências, ao espaço em que “as máscaras caem” e se “veem as verdadeiras faces”.

Eu não vou tirar eles do seu posto de trabalho para pegar para mim.  
E vou é negociar o futuro a partir de uma proposta que funcione para ambas as partes.

***Tita Maravilha***

Não é só programar, mas é o que se programa e como se programa.

***Tita Maravilha***

Em Portugal, posições de programação e curadoria estão sobre-representados por homens cis brancos, e isso tem consequências de visibilização ou invisibilização de determinadas práticas artísticas.



## Cuidado e afeto nas práticas de programação

Como sublinhado no capítulo 2, uma programação inclusiva é muito mais do que convidar e criar espaços nos line-ups para pessoas e grupos sociais invisibilizados nos circuitos artísticos e culturais. Implica atender também ao que precisam para participar nesse evento (e.g., transporte, alimentação, estadia) e garantir que vão ser cuidadas e bem tratadas em todos os momentos.

Eu não quero ser programada por medo de cancelamento. Eu gostaria de ser pensada e humanizada dentro dos processos de arte.

**Tita Maravilha**

## Binarismos a serem pensados e talvez borrados

### Mainstream vs. Underground

Como é que pensamos estas dimensões?

Porque é que esta separação é feita?

O que é que faz um artista pensar e assumir que pertence a um destes dois lugares?

Porque é que esta separação é feita?

Será esta divisão informada por um recorte de classe?

Sou pobre e toco sempre em casas pequenas. Então sou underground?

**Tita Maravilha**

### Convencional vs. Não-convencional

É possível agradar as massas usando linguagens que são dissidentes?

### Local vs. Internacional

Persiste a crença de que o que é internacional “é mais chique” e tem mais valor.

É importante equilibrar a valorização da produção artística internacional e local.



## Assumir uma narrativa de programação

Ir em busca do que se quer/arriscar ou não arriscar, eis a questão.

Olhar para o programa e perceber se “diversidade” é uma palavra, tanto em relação a corpos e identidades ou linguagens propostas.

Se não... assumir que não é!

## Por vezes é preciso excluir para incluir

Numa sobre-representação de homens cis brancos e invisibilização e exclusão de mulheres, pessoas queer e pessoas racializadas, pode fazer sentido organizar eventos e programações que excluam os grupos com maior privilégio. Estas práticas não pretendem segregar, mas acima de tudo afirmar e incluir através da cocriação espaços de representação que sejam seguros, confortáveis e livres das dinâmicas de poder que se encontram na sociedade em geral.

## Pontuais // Propostas radicais // Polémicas //

### 1) Enviar a proposta financeira sempre no primeiro email

Evitar que seja a pessoa artista a perguntar, e também evitar que esta perca tempo, porque tempo é dinheiro e as artistas vivem na precariedade.

Ser transparente e manter comunicação aberta na discussão das condições de remuneração, principalmente quando esta ainda não está definida ou em negociação.

### 2) Formação da equipa a partir dos artistas programados e ideia do evento

Garantir que todo o staff da venue/evento (bartenders e seguranças incluídos) está preparado e adequadamente formado para receber e acolher artistas independentemente da sua identidade de género ou identidade/atribuição racial.

Pode-se fazer um pequeno briefing pouco antes de a casa abrir/evento iniciar, especificando o tipo de eventos, as dinâmicas de acolhimento e os comportamentos que se consideram desadequados.

### 3) Programar menos, pagar melhor?

Uma estratégia pode ser reduzir o número de artistas num line-up para garantir que as pessoas programadas sejam pagas justamente.

### 4) Rapidez e clareza sobre o tempo de pagamento

É também fundamental ser transparente na explicitação dos tempos de pagamento e evitar gerar ansiedade desnecessária nas pessoas artistas que normalmente são impactadas por processos de precarização económica. Este é também uma dinâmica de cuidado e gentileza no acolhimento de artistas precárias.

### 5) Adequar o apoio do espaço à duração da performance

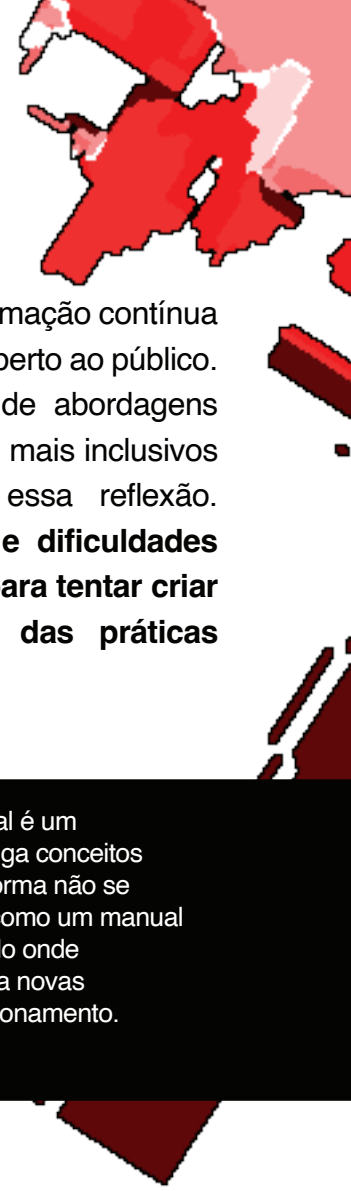
As condições de acolhimento devem ser adequadas à duração e tipo de performance.

Se eu tocar 3h, duas fichas de bebida não me servem para nada.

*Tita Maravilha*

### 6) Incluir no staff profissionais especialistas em mediação de conflitos e em redução de riscos

Estes perfis profissionais são fundamentais para lidar com situações de crise psicológica, conflitos ou em situações de denúncia de violência ou hostilidade.



## Hackeamento curatorial como processo

São vários os desafios, dificuldades e encargos que se colocam à gestão e programação contínua de um espaço que tem de estar semanalmente e, em alguns casos, diariamente aberto ao público. Estes podem ser entendidos como obstáculos concretos à experimentação de abordagens e práticas criativas com potencial de desenvolver novas linguagens, e programas mais inclusivos e diversificados. Na **CURVA** convidamos os programadores a inverter essa reflexão. Propomos apoiar o desenvolvimento de um mindset **onde as fragilidades e dificuldades identificadas se constituam não como obstáculos, mas como ferramentas para tentar criar estruturas que facilitam a experimentação no sentido da expansão das práticas de programação inclusiva e diversa.**

Reina del Mar define este processo como **hackeamento curatorial**, para se referir aos processos colaborativos, experimentais e fluidos que questionam e comprometem o status quo dos sistemas, práticas e crenças acerca do que se convencionou como curadoria e programação.

Hackeamento curatorial é um experimento que interliga conceitos e universos que por norma não se cruzam, funcionando como um manual de instruções estragado onde o curto-circuito eletrifica novas possibilidades de funcionamento.

*Reina del Mar*


## Práticas colaborativas como potência

O setor cultural e artístico implica que muitas vezes as pessoas tenham de desenvolver e se envolver em várias atividades, sendo neste percurso que por vezes chegam a posições de programação e curadoria. Para além disso, essas práticas de programação são informadas pelo universo em que se habita, e combinam a “arte que eu gosto”, “a arte que amigos gostam”, “a arte que eu faço”, “a arte que a minha mãe gosta” e a “arte que dá dinheiro”.

Não há um caminho certo, nem uma formação académica certa para fazer programação, ou curadoria, ou pensar uma linha curatorial de um espaço ou festival.

*Reina del Mar*

Esta função é muitas vezes baseada em práticas de experimentação, partilha e de criação de redes e estruturas que por si só já se constituem como práticas de hackeamento curatorial. **Nesse sentido, é importante que os programadores reflitam e pensem no seu percurso individual e que processos e escolhas os levaram a cargos de programação e informaram as suas práticas.**



Resist the fantasy of all seeing and all knowing.  
Bask in and embody the fog.

*Chelsea Thompto (2023)*

No percurso para práticas de programação mais inclusivas e diversas, é também questionar representações cristalizadas entre as quais a ideia de que a produção artística é baseada num sistema hierárquico onde programador está no topo da pirâmide.


Neste contexto, o programador é alguém que tem poder para limitar e interferir na prática artística, comprometendo a representação de formas de expressão artísticas de grupos sociais sub-representados e marginalizados nos circuitos culturais e performativos. **Para diversificar e incluir, é fundamental investir em práticas colaborativas com potência, partilhadas e em coletivo.** Este processo pode ser ativado através:

Do convite à colaboração remunerada de outros programadores, promotores e coletivos.

Criação e momentos de momentos de partilha de recursos, aprendizagem mútua e criação conjunto que pode resultar (ou não) num produto conjunto.

## Re-corte, mixagem, o DJ/ Selector como curador

Diz respeito à mistura intencional e experimental de universos estéticos como prática curatorial consciente. As práticas de curadoria participativa e colaborativa têm o potencial de expandir os limites criativos, entrecruzando diferentes linguagens para criar novos universos. Esta ideia foi inspirada no texto de Barcelos & Lendl (2022), “Listening Hears” apresentada no livro “Politics of Curatorship: Collective and Affective Interventions”, editado por Monia Acciari e Philipp Rhensius.



Diversidade não é só sobre identidades e corpos, é também sobre linguagens, sobre apostar ou não apostar...”

*Tita Maravilha*

## Educação radical colaborativa

É uma alternativa ao gatekeeping, e diz respeito à criação de momentos partilhados de educação artística. Estes espaços-tempo constituem-se como oportunidades para a aprendizagem mútua, colaboração, partilha de conhecimentos, recursos e ferramentas que podem levar à criação (ou não) de uma linguagem ou produto conjunto.



## Alteração da funcionalidade dos lugares

Diz respeito à utilização não convencional dos espaços, de forma a dar espaço a outras linguagens e manifestações culturais, e ressignificar as suas funcionalidades.

As venues podem ser utilizadas como lugares de apresentação para outros suportes, trazendo ao espaço novas audiências.

## Utilização de lugares não convencionais

Permite a criação de momentos culturais e artísticos. A programação da venue pode ocupar outros espaços menos convencionais para expandir o seu alcance, levando as suas linguagens a outras audiências.

# Apoio ao Hackeamento / Programação

## 1. MÉTODOS DE CURADORIA QUE VALORIZAM A DIVERSIDADE E INCLUSÃO

Curadoria e pensamento de programas em modo partilhado e coletivo  
algumas questões aos espaços/estruturas

“Estamos abertos a novas possibilidades ou estamos numa bolha específica e a querer que essa bolha continue?”

“É uma equipa fixa de programadores?”

“Envolvemos outros programadores?”

“Como chegamos a esses coletivos e pessoas?”

“Que pessoas e coletivos por norma integram e pensam os nossos programas?”

“Implementamos open call para diversificar a programação?”

“Que compensação é feita? É justa e clara?”

“Garantimos colaborações contínuas com esses coletivos para reforçar a sustentabilidade dessa programação?”

To hack is to abstract. To abstract is to produce the plane upon which different things may enter into relation.

*McKenzie Wark (2004)*

Em casas mais antigas e com equipas técnicas e recursos fixos e recursos associados, podem abrir a possibilidade de uma noite/evento/programa ser pensado em coletivo. **Abrir espaços de partilha para pessoas que trabalham numa casa há muitos anos e conhecem as suas dinâmicas pode trazer oportunidades de experimentação, potência e abertura de perspetivas.**

## Pensar programas também a partir da sua rentabilidade e sustentabilidade

A remuneração justa e apoio adequado a artistas deve também ser centralizada numa programação inclusiva e diversificada. O número de nomes no line-up e a duração do evento por mais diversificação e representatividade que permitam, estarão desajustadas se não garantir o pagamento compatível com o trabalho dos artistas e das várias pessoas envolvidas na sua produção.

As venues podem ser utilizadas como lugares de apresentação para outros suportes, trazendo ao espaço novas audiências.

## 2. FERRAMENTAS CONCRETAS DE APOIO À TOMADA DE DECISÕES DE PROGRAMAÇÃO/HACKEAMENTO

Estas ferramentas têm por base princípios de **sustentabilidade relacional**.

Que pretendem não apenas aumentar a diversidade nos line-up mas também o estabelecimento e manutenção de relações com potencial de nutrir os artistas e seu potencial artístico.

- Cartas de apoio e interesse a promotores/artistas/curadores a candidaturas a apoios públicos/ criação de projetos. *(Se possível assinar cartas de apoio em espécie com definição de um acordo concreto à posteriori)*
- Criação de programas alternativos à programação recorrente do espaço. *(Se possível com captação de apoios para programas complementares e parcerias com agentes locais)*
- Open Calls para captação de artistas, coletivos, parcerias, propostas diretas. *(Se possível com compensação direta aos vencedores a todos os participantes – por exemplo, cartão de cliente ou entrada do evento?)*
- Utilização do espaço para funcionalidades não convencionais. *(Por exemplo, um bar receber um workshop/ conversa/ jantar ou outro tipo de evento não convencional no lugar)*
- Criação de merchandise ou edições limitadas dos artistas/programações que aumente a sustentabilidade da programação inclusiva e enalteça os artistas *(Por exemplo, criação de material de edição limitada como stickers, t-shirts, de preferência que possam ser vendidas em qualquer altura)*

# SUGESTÕES E LEITURA / EXPLORAÇÃO

**Hacking culture, not devices: Access and recognition in feminis hackerspaces**

de Sara Fox, Rachel Rose Ulgado e Daniela Rosner (2015)

**A Kacker Manifesto**

de McKenzie Wark (2004)

**The Fog**

de Chelsea Thompto (2023)

**Lugar de Fala ou Lugar de Falha**

por Ronaldo Ferreira Júnior

**Broken instruction manuals: vade-mécum afundar e ficar à tona**

por Reina del Mar

## WEBSITES

**Festival Precárias**

**Pedreira**

# CAPÍTULO 4

## PRÁTICAS E MODELOS DE APOIO À COMUNICAÇÃO

O desenvolvimento de estratégias e práticas comunicativas que promovam a acessibilidade e a segurança no contexto da produção e programação é fundamental para avançar em direção a uma cultura mais inclusiva que leve em consideração toda a população usuária e consumidora final. Neste contexto, é necessária a exploração de modelos de comunicação que garantem que esta seja clara, coerente, **acessível**, compreensível e também representativa das diversas identidades e necessidades da sociedade atual.

A partir das reflexões e experiências de Maria Carvalho (**Veludo, Passos Manuel, NeoPop**) e de Amina Bawa (**Afrolis, Gerador, Chapitô**), este capítulo pretende partilhar práticas e estratégias comunicativas às problemáticas associadas a uma comunicação não-inclusiva, bem como técnicas para identificar e evitar vieses excludentes na comunicação. Serão também discutidas e partilhadas estratégias, princípios e boas práticas de comunicação inclusiva e acessível, incluindo ferramentas e recursos para tornar a comunicação acessível (designs fáceis para a leitura e interpretação, linguagem inclusiva e não excludente, simples e clara, legendagem, entre outros).

O objetivo deste capítulo é capacitar os participantes a utilizarem a comunicação como uma ferramenta de transformação social, garantindo que as mensagens alcancem e representem todas as pessoas de forma equitativa, respeitosa e acessível.

### A linguagem ao serviço da comunicação, a comunicação ao serviço da linguagem

Retomando a discussão iniciada do capítulo 1, revisitamos o conceito, significado e relevância da linguagem como ferramenta de comunicação e de transformação do mundo.

A comunicação inclusiva não é só sobre representar a diversidade, mas sobre educar para o respeito e criar espaços onde todas as vozes sejam ouvidas e valorizadas.

**ONU Mulheres**

A linguagem e a performance constroem identidades e relações de poder.

**Judith Butler**

A linguagem, e consequentemente a comunicação, pode ser verbal, não verbal, simbólicas, mas também diz respeito a tudo aquilo que fazemos de forma performativa. No entanto, na comunicação podem surgir alguns conflitos.

**Quem é que é o nosso público?**

**Para quem é que é que estamos a comunicar?**

**Quem é que são as pessoas que vão frequentar este concerto?**

**Quais são os meios por onde as informações circulam para chegar ao público?**

**Será completamente seguro assumirmos que quando temos artistas com expressões e performances dissidentes, todas as pessoas que vão comprar bilhete vão entender?**

**Trabalhar a comunicação num espaço é essencial para que toda a programação e todo o respeito indoor aconteça sem ser algo perigoso, problemático ou conflituoso.** A comunicação na programação é transversal e surge de diferentes formas, através de diferentes práticas e em diferentes momentos.



Neste contexto, a comunicação inclusiva é muito mais do que o espaço se afirmar friendly ou welcoming para com diferentes artistas e audiências. Ela é ubíqua, expressando-se e entendendo-se a partir de diferentes dimensões mais ou menos explícitas, mas sempre tangíveis.

Aquela bandeira se não estiver na sua prática não vai representar absolutamente nada.

**Maria Carvalho**



**ACESSIBILIDADE**

**LINGUAGEM  
NEUTRA**

**REPRESENTIVIDADE**

**DIVERSIDADES  
NOS FORMATOS**

**RESPEITO  
PELA IDENTIDADE  
DE CADA PESSOA**

**A acessibilidade** não é só garantir condições de acesso ao espaço (e.g., para pessoas com mobilidade reduzida), mas também com a criação de conteúdos que sejam passíveis de ser lidos, entendidos e compreendidos por todas as pessoas, incluindo as que têm deficiências visuais, auditivas, cognitivas, neurodivergência.


Uma opção simples, eficaz e de fácil implementação de **linguagem neutra** é a retirada dos pronomes da comunicação ou formulações que neutralizem o binarismo da linguagem (e.g., as pessoas participantes no evento).

**A representatividade** expressa-se muitas vezes nas opções linguísticas, mas também visuais, nas estratégias e materiais de comunicação do espaço.

**O respeito pela identidade de cada pessoa** manifesta-se na comunicação externa, mas também na comunicação interna, para com o staff e ecossistema profissional que envolve a produção dos eventos e a gestão da venue.

## **Espaços seguros / criação de códigos de conduta / protocolos**

Um dos desafios que se colocam às venues é garantir as condições necessárias para que estas possam ser percebidas e atuem como espaço seguros. Nos espaços de clubbing, o consumo de drogas e de outras substâncias é mais frequente do que noutros contextos.




A comunicação é o nosso melhor aliado para prevenir situações de crise.

**Maria Carvalho**

Além disso, podem decorrer conflitos pela falta de entendimento de determinados segmentos das audiências a performances ou expressões artísticas e identitárias mais dissidentes. Nesse sentido, a criação de um **código de conduta** pode surgir como uma ferramenta útil para comunicar com as audiências do espaço ou evento sobre os comportamentos que se consideram inapropriados, e promover o respeito, atitudes cívicas e cuidado mútuo entre as pessoas que frequentam.

O código de conduta ou outras estratégias de deteção e resposta a situações de crise e violência social, devem ser pragmáticos e partir de um entendimento das condições da venue/evento, da sua programação, do seu staff e das características das suas audiências.



Não é só aquilo que se vê fora do espaço, é também aquilo que se sente dentro do espaço.

**Maria Carvalho**

**Este tipo de comunicação implica a ativação de uma rede de processos e de práticas que ultrapassam os limites da comunicação externa.** As opções de comunicação de um código de conduta, protocolo ou code word (por exemplo, Angel Shot) devem também ponderar:

As **opções de comunicação** - aqui é importante considerar a linguagem utilizada, os formatos da comunicação e a sua disponibilização (posters na venue/evento, redes sociais, website).

As **opções estéticas** - é importante refletir e se possível validar as opções estéticas (por exemplo, imagem ou fotografia utilizada), para entender o simbolismo, e prevenir possíveis interpretações simplistas ou contraproducentes das imagens utilizadas.

**Equipa alinhada com o código de conduta** - é fundamental garantir uma adequada comunicação interna do código de conduta, para garantir que este é conhecido e compreendido por todo o staff, e que este é incorporado e comunicado nas suas práticas de forma coerente (por exemplo, nas políticas de porta). Quando o evento está a decorrer, é a equipa que vai assegurar o cumprimento do que se tem comunicado através da comunicação externa, e também responder de forma alinhada aos princípios de segurança e respeito que se pretendem afirmar. Desta forma, a equipa deve conhecer os processos e protocolo de atuação em determinadas situações.

Este processo deve ser implementado de forma contínua, reflexiva e também supervisionada. É importante revisitar o compromisso ou políticas da casa em relação à segurança e bem-estar das suas audiências, e criar momentos para reunir, discutir situações desafiadoras concretas, e melhorar/ reforçar os códigos de conduta ou protocolos de atuação.

### **Colaboração com parceiros específicos**

- a forma como ele se implementa ambientalmente, em termos das respostas disponíveis para gerir potenciais focos de tensão, conflito ou crise relacionadas com o consumo de álcool e outras drogas, e dinâmicas relacionais de poder e opressão. A colaboração com parceiros específicos experientes na prevenção e gestão destas ocorrências, pode reforçar a implementação do código de conduta e maximizar as condições de segurança do evento/ espaço.

A comunicação também passa por nós sabermos quem são os nossos aliados.

**Maria Carvalho**

A **Kosmicare** é uma organização especializada na implementação de serviços de redução de riscos (drug checking, psicoeducação sobre uso de drogas, sexualidade, mutualidade sexual/ consentimento) e apoio a situações de crise psicológica e social associada ao consumo de álcool ou de outras drogas, hostilidade e violência de género em festivais de grande dimensão.

Colabora também com venues no desenvolvimento de protocolos e atividades de capacitação para prevenir, detetar e responder a situações de crise.

## Comunicação online e offline

Na definição dos públicos e dos meios utilizados para se comunicar com eles, é importante sublinhar que quem tem a informação tem o poder de alguma forma, por isso, de alguma forma é uma relação hierárquica. Nesse modelo hierárquico, a comunicação distingue-se entre a comunicação online e a comunicação offline.

### ONLINE

Redes sociais: Instagram, Facebook, TikTok, LinkedIn

Anúncios pagos e segmentação de públicos

Websites, newsletters e plataformas de vendas de bilhetes

Conteúdo audiovisual: vídeos curtos, teasers, reels

### OFFLINE

Cartazes, flyers, sinalização no evento, outdoor

Jornais, revistas, rádio

Marketing de guerrilha e experiências imersivas

Parcerias locais

Estratégias de boca a boca

A **presença online** é determinante para garantir a visibilidade e a comunicação dos eventos e programas que se estão a produzir. Para este tipo de comunicação, há várias plataformas pagas, mas também gratuitas que permite produzir materiais e conteúdos informativos (por exemplo, Canva para design, Youtube para pequenos vídeos, Wix e Wordpress para websites).

O poder está em controlar a forma como as pessoas definem a realidade.

**Patricia Hill Collins**

Importa ponderar entre o que eu coloco para fora e o que as pessoas recebem.

**Amina Bawa**

A comunicação online deve estar ajustada para formatos de computador e de telemóvel e estar organizada de forma simples e intuitiva, para garantir um acesso rápido a toda a informação (por exemplo, website de rolagem).

Na comunicação offline, a preparação de posters e panfletos deve adaptar os tipos de comunicação às características e especificidades do seu público. No entanto, no caso de a venue/evento ter um público heterogéneo, o desafio será encontrar um padrão de comunicação e de organização da informação que seja eficiente e tenha uma leitura clara para todos. Na organização e hierarquização dos conteúdos, ter em conta que as pessoas leem a informação em “Z”.

Pessoas diferentes leem a informação de modo diferente, então nós temos de entender o nosso público.

**Amina Bawa**

## DICAS PARA COMUNICAÇÃO ONLINE E OFFLINE

**Responder ao 3 Q POC** - Independentemente do público para quem se comunica, esta informação tem de estar sempre facilmente acessível e clara.

- O quê?**
- Quem?**
- Quando?**
- Porquê?**
- Onde?**
- Como?**

### EVITAR

- Poluição visual
- Excesso de texto
- Imagens de baixa qualidade
- Falta de identidade visual

### VALORIZAR

- Clareza na informação
- Paleta de cores coerente
- Identidade alinhada ao evento



## DEFINIÇÃO DO PÚBLICO-ALVO

Conhecer o público-alvo permite criar estratégias de comunicação mais eficazes, garantindo que a mensagem chegue às pessoas certas. Isso influencia desde o tom de voz utilizado até aos canais escolhidos para a divulgação.

**É essencial definir o público:**

**Segmentos, idade, interesses e comportamento.**

**Criar personas: desenvolver perfis fictícios do público-alvo ajuda a entender as suas necessidades e preferências.**

**Escolher os canais certos e adaptar a linguagem e o design.**

## Promover acessibilidade de públicos diversos a eventos artísticos e culturais

Para promover acessibilidade nos eventos, **é necessário desenvolver estratégias específicas para atrair novos públicos**, particularmente os grupos que ainda são minoritários nas audiências de eventos artísticos e culturais.

É também fundamental **garantir que o evento é acessível e está preparado para receber pessoas que têm necessidades específicas para quem a comunicação é direcionada**. Assim, os conteúdos informativos do evento, a linguagem utilizada, os materiais ou plataformas utilizadas para os comunicar, e o acesso e mobilidade no espaço devem estar definidas antes de se avançar para a comunicação com esses públicos.

## TRILHAS

Promovido pelo Festival Alkantara, é um projeto de ação estratégica de mediação para a mobilização e formação de novos públicos para as artes performativas. Foi desenvolvido em parceria com associações culturais e coletivos informais que desenvolvem ações junto das comunidades LGBTQIAP+, migrantes e refugiadas, pessoas com deficiências e pessoas afrodescendentes. No programa trilhas, foram também preparados materiais, conteúdos e percursos adaptados a pessoas com visão, audição ou mobilidade, reduzida ou neurodiversidade.

## BOAS PRÁTICAS NA COMUNICAÇÃO INCLUSIVA

A comunicação eficaz nos espaços culturais e eventos, vai além da divulgação. Trata-se de criar uma identidade forte e de garantir que a mensagem chegue ao público certo da melhor maneira. Implica:

**A construção de uma identidade visual consistente.**

**Acessibilidade na comunicação.**

**Uso estratégico das redes sociais.**

**Parcerias e influenciadores locais.**

## FORMAÇÃO DA EQUIPA E RECEÇÃO / ACOLHIMENTO DO PÚBLICO

### Formação

- Clareza na comunicação de informações essenciais (horários, acessibilidade, segurança) – aqui pode ser importante fazer um briefing inicial com a equipa interna, antes de o evento começar.
- Capacidade de resposta rápida a dúvidas e problemas.
- Antecipar problemas e implementar formação específica para lidar com emergências e gestão de crises.

### Linguagem inclusiva e acolhimento

- Conhecer as necessidades de acessibilidade do público e estar preparado para oferecer apoio - informar de forma clara as condições de acesso (por exemplo, “este edifício só tem escadas”).
- Respeitar e valorizar a diversidade cultural, social e de género – ouvir o que a pessoa nos diz, muitas vezes ela já nos dá as ferramentas e preferências de tratamento.
- Criar um espaço seguro e confortável para todas as identidades e expressões.

### Feedback e melhoria contínua

- Monitorizar as redes sociais, analisar os comentários e avaliações.
- Reuniões pós-evento com a equipa para discutir pontos positivos e desafios.
- Implementação de melhorias com base no feedback recebido.

# EXEMPLO PRÁTICO

## FESTIVAL CURVA

O Festival **CURVA** foi a concretização pública do projeto, reunindo programações em rede por todo o país com base nas aprendizagens, reflexões e compromissos estabelecidos ao longo das sessões de capacitação. O objetivo foi aplicar, de forma prática, os princípios de diversidade, inclusão e representatividade trabalhados durante o curso, criando uma programação simultânea em múltiplas cidades e garantindo que artistas mulheres, trans, BIPOC e outras identidades historicamente marginalizadas tivessem maior visibilidade e circulação.

A construção da programação foi um processo orientado por um conjunto de critérios comuns, mas adaptável às realidades de cada venue. Criou-se uma base de dados de artistas a partir de contributos das pessoas formadoras, referências locais identificadas nas cidades e propostas trazidas por cada espaço. A curadoria foi assim alimentada por várias fontes - sugestões internas, trocas ocasionais entre venues, observação das programações em desenvolvimento - e recebeu acompanhamento próximo da coordenação do projeto, que apoiou na aprovação final e na distribuição territorial, sempre mantendo a autonomia de cada espaço de programação.

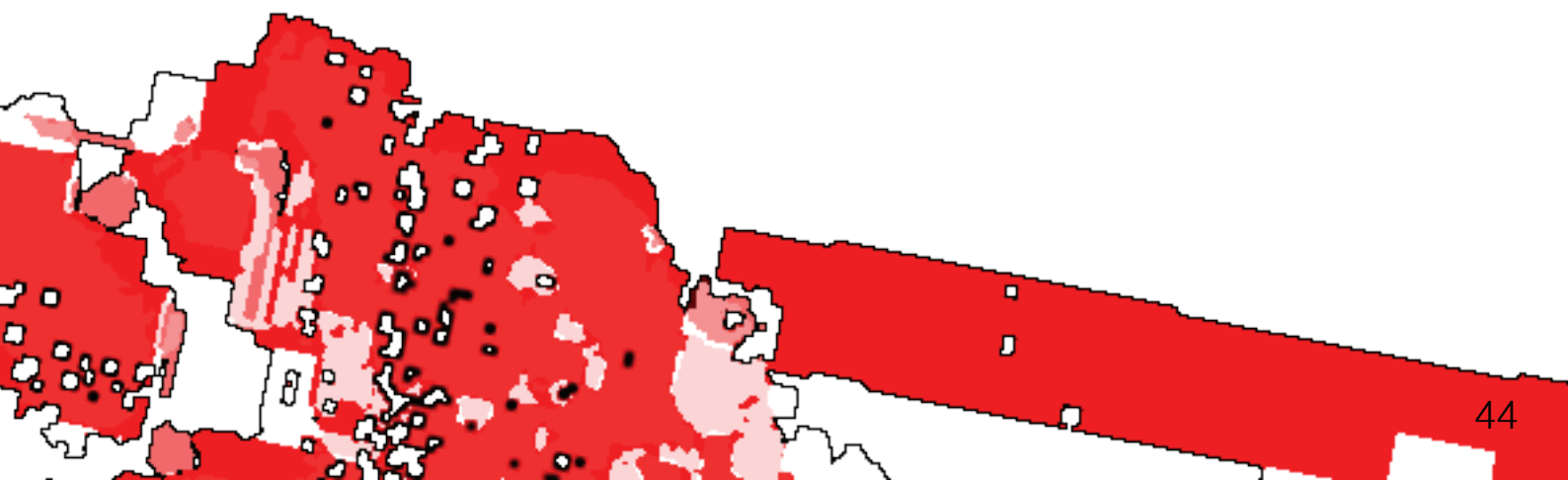
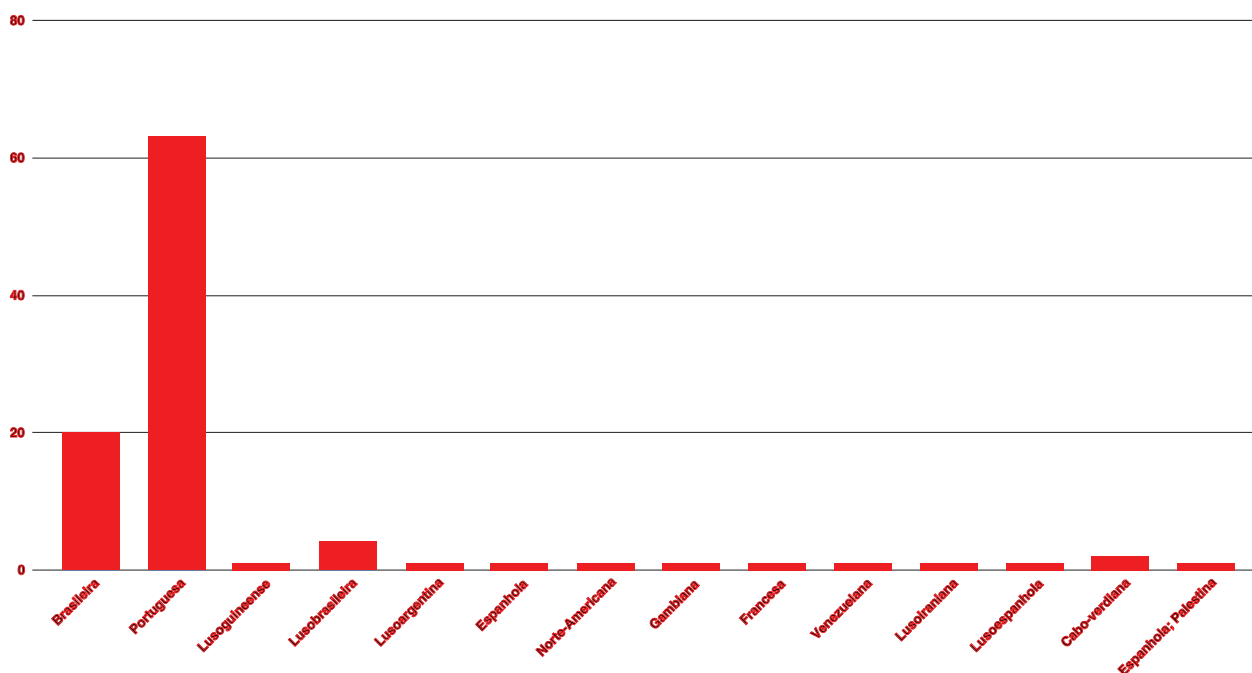
Apesar do desafio de alinhar agendas e ritmos de trabalho tão distintos, o processo permitiu mapear novas referências, introduzir artistas a circuitos onde ainda não tinham atuado e testar metodologias de decisão que incorporam mais do que apenas gostos individuais ou redes pessoais pré-existentes.

O festival foi gratuito e decorreu em 11 venues, envolvendo cerca de 60 artistas de diferentes géneros, identidades, origens e práticas artísticas. Antes do festival, todas as pessoas artistas preencheram um formulário demográfico, permitindo monitorizar de forma concreta a representatividade atingida. Os resultados estão apresentados nos gráficos desta secção e oferecem um retrato realista do ponto de partida, das conquistas e dos desafios que permanecem.

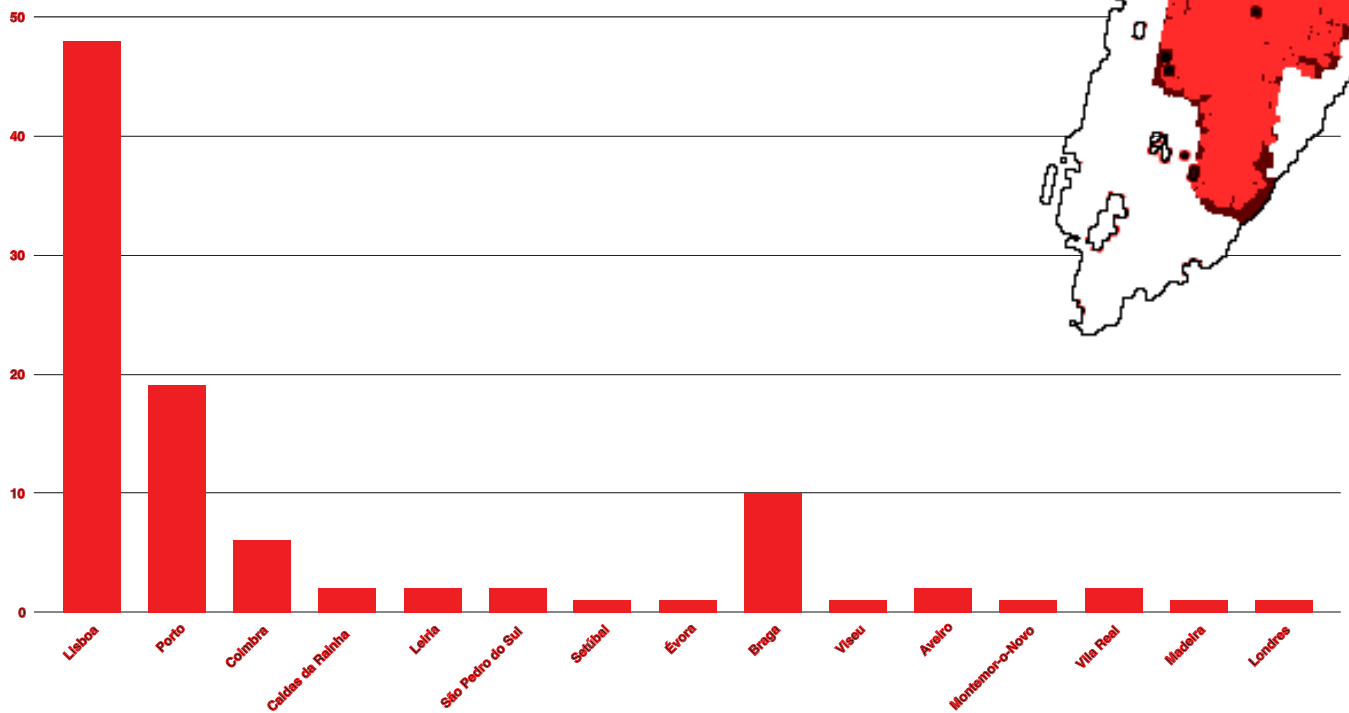
O Festival **CURVA** confirma que a capacitação, quando seguida de um momento de aplicação prática, pode ter impacto direto nas programações e nas redes artísticas. Este caso demonstra que, mesmo com limitações e resistências, é possível gerar movimento no sentido de circuitos mais diversos, acessíveis e representativos, fortalecendo a ligação entre formação, curadoria e ação no terreno.

Os dados demográficos recolhidos permitem observar de forma objetiva o alcance das metas de diversidade e inclusão estabelecidas no início do projeto. A recolha foi voluntária e concentrou-se em dimensões como identidade de género, origem étnico-racial, e localização geográfica. Esta informação, apresentada nos gráficos seguintes, não pretende ser um exercício meramente estatístico, mas sim uma ferramenta para refletir sobre a representatividade real do festival e para orientar futuras práticas de programação. Ao tornar visíveis estes números, o **CURVA** reforça o seu compromisso com a monitorização contínua e com a construção de circuitos musicais mais equitativos e inclusivos.

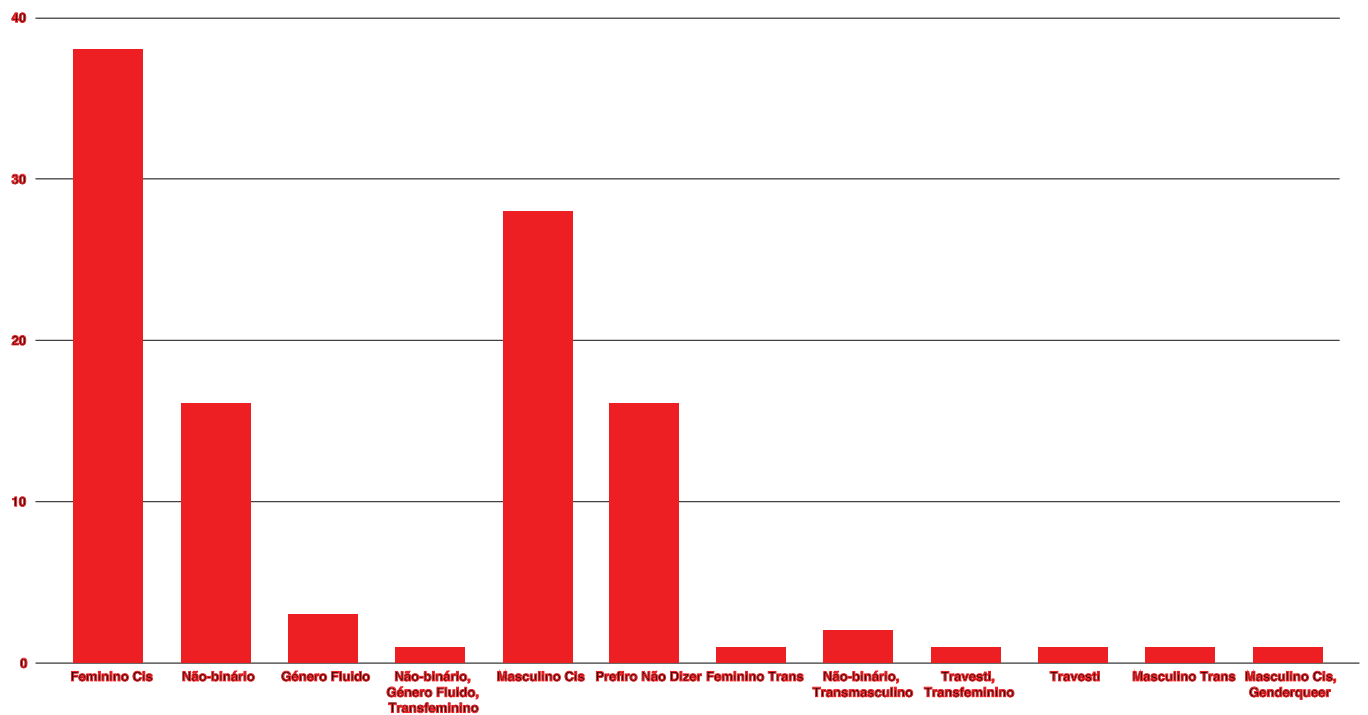
### Nacionalidades des artistas programades



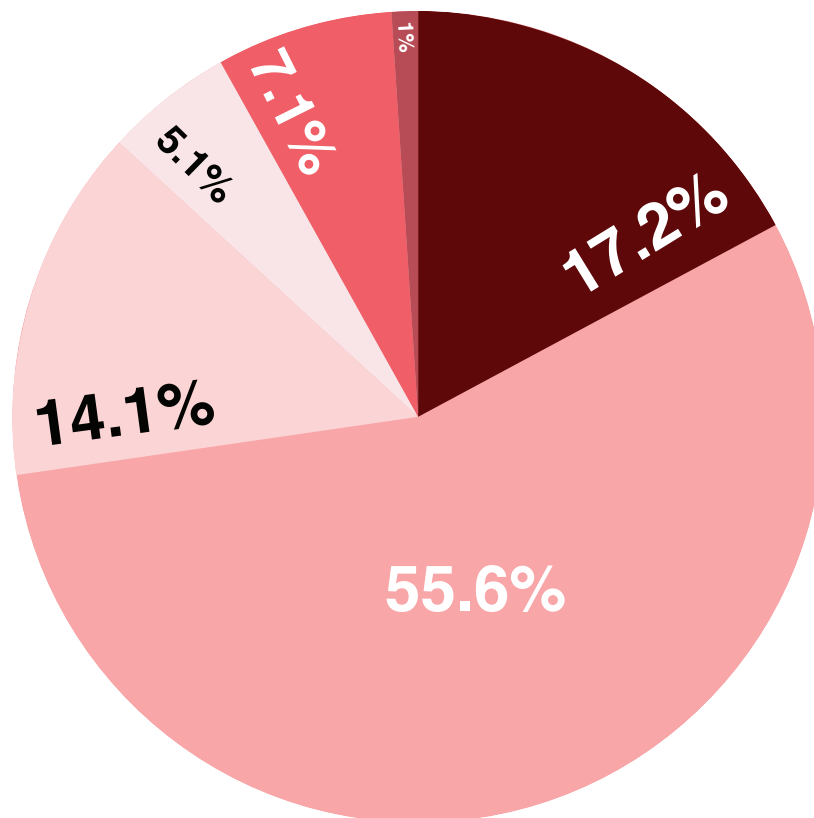
## Cidades em que es artistas programades estão baseades



## Identidade de género des artistas programades



## Raça/Etnia des artistas programades



- Branca/Caucasiana | White/Caucasian (55,6%)
- Negra/Afrodescendente | Black/Afro-descendent (17,2%)
- Sudoeste Asiática/ Norte Africana | South West Asian/ North African (S.W.A.N.A.) (1%)
- Múltiplos grupos étnicos | Multiple ethnic groups (7,1%)
- Prefiro não responder | I prefer not to answer (5,1%)
- Latino -americana | Latin American (14,1%)

Importa salientar que a análise estatística apresentada não reflete a totalidade do universo de artistas programados no festival, uma vez que nem todas as pessoas responderam ao formulário de recolha de dados demográficos. Em alguns casos, a resposta foi obtida apenas de parte do grupo ou banda, o que significa que os números representam de forma parcial essa realidade. Exemplos disso incluem casos em que apenas 1 elemento respondeu num total de 3 artistas no palco, ou em que a maioria respondeu, mas não a totalidade. Apesar destas lacunas, os dados recolhidos constituem uma amostra significativa e útil para avaliar tendências de diversidade e representatividade, permitindo orientar práticas futuras.

# CONCLUSÃO

Pensar uma programação - e, em resumo, uma cultura - que seja verdadeiramente inclusiva e diversa é, no fim das contas, adaptar-se à sociedade real que nos rodeia. É ampliar o olhar, reconhecer quem foi historicamente excluído e não representado, e descentralizar os espaços para que aquilo que o privilégio branco chamou de “margem” durante séculos possa, finalmente, ocupar o centro.

É garantir as mesmas oportunidades para todos, ampliar e construir uma cultura que realmente nos inclua a nós, tanto artistas como público, racializados, BIPOC, migrantes, gordas e dissidentes, que lutamos por existir num mundo que nos odeia cada dia mais, e no que resistimos a colonização com a nossa arte.

Também é reconhecer o privilégio - e não apenas reconhecer, mas agir: partilhá-lo e, quem sabe, um dia ceder espaço àquelas pessoas que jamais o experimentaram. Reparar é oferecer oportunidades para reestruturar as nossas vidas, torná-las menos precárias e menos dolorosas, para que possamos expressar a nossa arte de forma mais saudável, a partir de um lugar mental e emocional mais justo e habitável.

E as que quiserem que passem por mim, deixo o meu contacto.

**Saya Mohamed,**

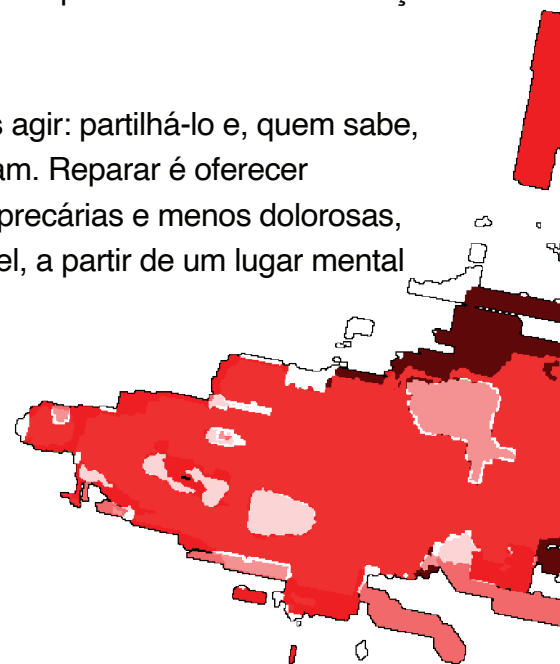
*Coordenação Capacitações CURVA e Produção Festival CURVA*

[saya.mohamed@gmail.com](mailto:saya.mohamed@gmail.com)

+34 696 354 070

Acredito que o mais importante a retirar deste manual é a compreensão que a luta por um mundo (da programação musical e não só) mais inclusivo, diverso e justo não é um compromisso de curta data. É um caminho que tem de ser feito todos os dias através dos maiores e mais pequenos atos. O desafio de colocar em nove sessões de formação e num manual de algumas páginas todas as definições e qual o caminho claro para o mundo certo e justo não é algo a que nos propusemos a fazer. O que encontraram aqui é um conjunto de reflexões, noções e informações excelentemente pensadas, passadas e aprimoradas por um conjunto de pessoas extremamente competentes. Com o resultado deste manual é esperado que mais reflexões surjam, que mais conversas e mais avanços possam acontecer, em conjunto e em todo o lado.

Os esforços terão de continuar a ser diários, a busca por conhecimento, informação, o assumir o erro, o procurar fazer melhor, sair dos nossos lugares de privilégio, aprender o que fazer com privilégio, reconhecer que ele existe, meter a mão onde dói e não parar de mexer até parar de doer. Este não é um compromisso de curta data.



É importante entender que não existe inclusão se não existisse já uma exclusão sistémica e constante. Para que se notem avanços, para que cheguemos a algum lugar é necessário que a nossa luta seja tão constante e ininterrupta quanto o status quo. E, por fim, valerá sempre lembrar que a diversidade não pode ser simplesmente reduzida à representatividade.

No mais agradeço a todes es profissionais espetaculares com quem tenho a honra de trabalhar e assistir existir, sem elus não seria possível nada disto. Espero que deste manual surjam muitas conversas, projetos, ideias e vontades.

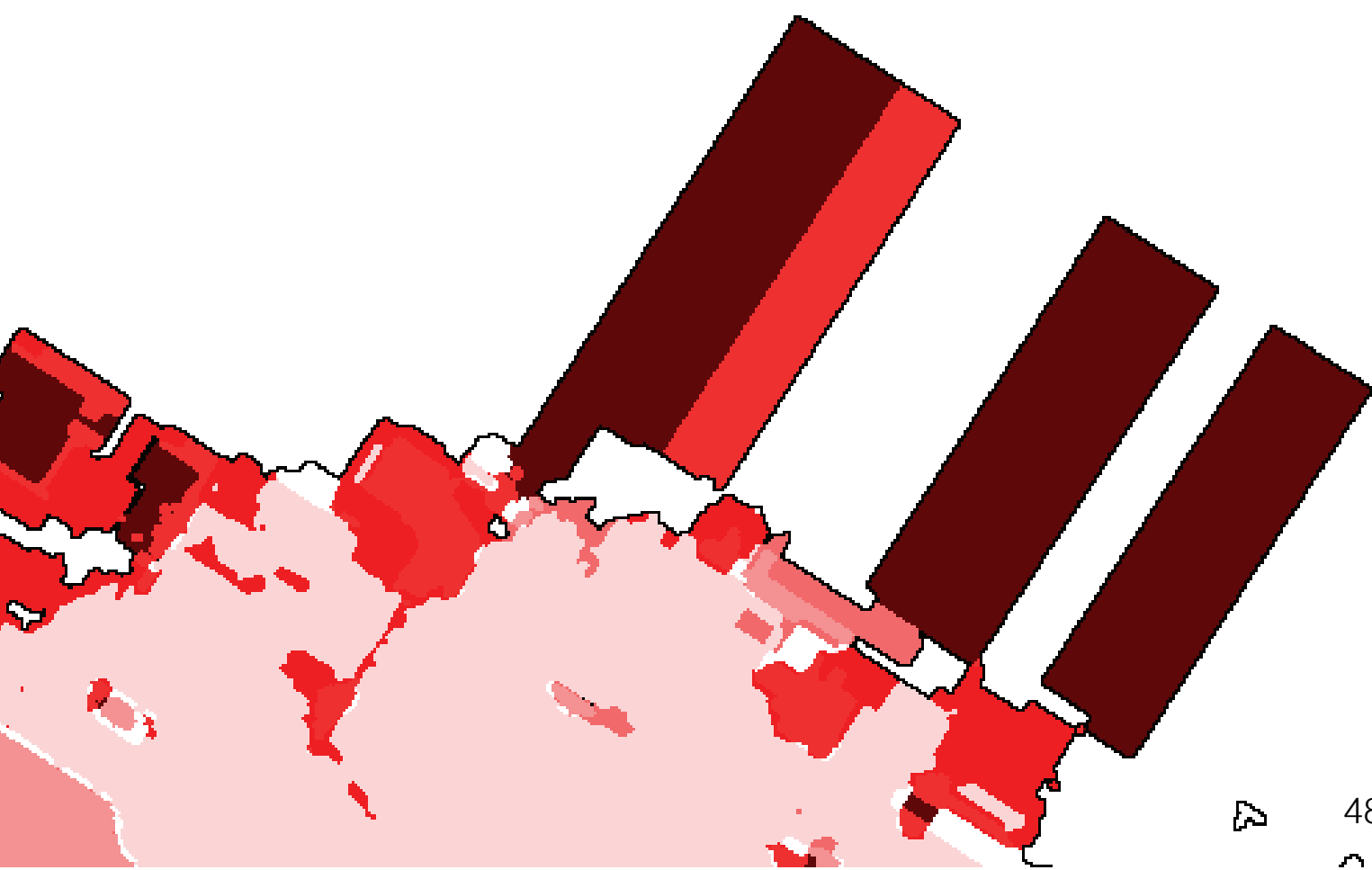
E as que quiserem que passem por mim, deixo o meu contacto.

## **Bê Duarte**

*Coordenação Circuito e Projeto CURVA*

[info@circuito.live](mailto:info@circuito.live) / [bduarteprod@gmail.com](mailto:bduarteprod@gmail.com)

+351 913 474 872



# ESPECIALISTAS



**Amina Bawa**

*amina.bawa@gmail.com*

**Daniela Ribas**

*dani@sonarcultural.com.br*

**Daniilo Cardoso**

*prof.d.cardoso@gmail.com*

**DIDI**

*iamdidibee@gmail.com*

**Maria Barbosa de Carvalho**

*mariaveludo.comunicacao@gmail.com*

**Pip Marinho**

*pipmarinho@gmail.com*

**Reina del Mar**

*marinadacosta.rei@gmail.com,*

**Rod Santurino**

*rodrigoribeirosaturnino@gmail.com*

**Tita Maravilha**

*Titamatita.br@gmail.com*

**Bê Duarte**

*info@circuito.live / bduarteprod@gmail.com*

**Márcio Laranjeira**

*marcio@loversandlollypops.net*

**Saya Mohamed**

*saya.mohamed@gmail.com*

# GLOSSÁRIO



## CORPOS E IDENTIDADES DISSIDENTES – **CONCEITOS BÁSICOS**

**Ação afirmativa** - Políticas para reduzir desigualdades raciais, como quotas na educação, no trabalho, na programação.

**Acessibilidade** - Conjunto de condições, práticas e medidas que garantem a todas as pessoas - incluindo aquelas com deficiência ou com diferentes formas de neurodivergência - a possibilidade de aceder, compreender, comunicar-se e participar plenamente em espaços, conteúdos e experiências. Isso abrange não só a acessibilidade arquitetónica (mobilidade física), mas também a sensorial, digital, comunicacional e atitudinal, assegurando equidade e inclusão efetiva em todos os contextos.

**Acomodações** - (exemplos) Rampas de acesso, intérpretes de LGP, materiais em braille, horários flexíveis, lugares calmos...

**Antirracismo** - Prática ativa (ação) que combate o racismo em todas as suas formas. Não basta “não ser racista”, é preciso agir contra o racismo.

**Apropriação Cultural** - Uso de elementos culturais de grupos racializados por pessoas brancas sem respeito ou reconhecimento da sua origem (com lucro, muitas vezes).


**Assexual** - Termo umbrella; fora da norma da sexualidade compulsória e normativa.

**Branqueamento Histórico** - Omissão do papel de pessoas negras, indígenas e racializadas na história oficial de um país.

**Branquitude/Privilégio branco** - Vantagens estruturais que pessoas brancas têm em sociedades racistas, independentemente de sua condição socioeconómica individual. “Eu não vejo cor” ou “para mim somos todes iguais” é uma forma de negar o racismo estrutural existente.

**Capacitismo** - Discriminação e preconceito contra pessoas com deficiência, baseado na ideia de que os seus corpos e habilidades são inferiores ou precisam ser "consertados".

**Cisgénero (“cis”)** - Pessoa que se identifica com o género que lhe foi atribuído à nascença ou pela sociedade.



**Classismo** - Discriminação baseada na classe social, que privilegia pessoas de classes mais altas enquanto marginaliza e desvaloriza aquelas em situação de pobreza ou vulnerabilidade económica. Manifesta-se em oportunidades desiguais, estigmatização e exclusão social.

**Decolonizar** - Tem origem nos debates anglófonos, implica uma rutura profunda que procura transcender e interromper a lógica colonial, questionando não só o conteúdo, mas também as estruturas de pensamento, poder e existência herdadas do colonialismo. Enquanto descolonizar pode significar mudar o sistema por dentro, decolonizar propõe imaginar e construir alternativas fora dele.

**Deficiência Invisível** - Aquela que não é logo perceptível, mas impacta a vida da pessoa. Exemplos: autismo, dislexia, surdez parcial, ansiedade, e doenças crónicas. Pessoas com deficiências invisíveis muitas vezes enfrentam dificuldades para obter reconhecimento e acessibilidade, pois sua condição não é visível de imediato.

**Descolonização** - Processo de crítica e reforma que procura desmontar estruturas coloniais, tanto nas instituições quanto nas mentalidades, promovendo a valorização de saberes, culturas e identidades historicamente marginalizadas pelo colonialismo.

**Disforia de Género** - Desconforto sentido pela incongruência entre identidade de género e trato social ou características físicas.

**Euforia de Género** - Sentimento positivo ao expressar o género de forma autêntica e ao ser validado no trato social.

**Expressão de género** - A forma pessoal com que cada pessoa expressa o seu género (visual/expressão, comportamental e, claro, linguístico). Uma mulher cis pode ter uma aparência culturalmente apelidada de masculina e isso em nada determinar o seu género, a sua orientação sexual ou qualquer outro indicador de identidade.

**FLINTA** - “Female, Lesbian, Inter, Non-binary, Trans and Agender people.” Grupo para referir pessoas não-homem cis.

**Interseccionalidade** – Conceito que explica como diferentes formas de opressão, como racismo, sexismo, classismo e capacitismo, se sobrepõem e criam experiências únicas de discriminação. O termo foi cunhado por Kimberlé Crenshaw para destacar a necessidade de analisar identidades de forma integrada, em vez de isolada.

**Intersexo** - Pessoa que nasce com características biológicas (genitais, cromossomas ou hormonas) que não se encaixam nas definições típicas de masculino ou feminino.

**Lugar de Fala/Cala** - Quem sofre uma opressão tem mais autoridade para falar sobre ela, mas não impede que outras pessoas participem no debate.

**Modelo Social de Deficiência** - Deficiência não como um problema individual da pessoa, mas como resultado das barreiras impostas pela sociedade. A limitação não está no corpo da pessoa com deficiência, mas no estigma, na falta de acessibilidade e atitudes sociais discriminatórias. Contrasta com o modelo médico, que lê a deficiência como algo a ser tratado.

**Neurodiversidade** - Diversidade de mentes humanas, a variação infinita no nosso funcionamento neurocognitivo.

**Paradigma da neurodiversidade** - Neurodiversidade como uma forma legítima de diversidade humana, desafiando a ideia de que há um único padrão "normal". Contrária à patologização.

**Nome morto (deadname)** - Nome que a pessoa já não usa. Usá-lo sem consentimento é desrespeitador.

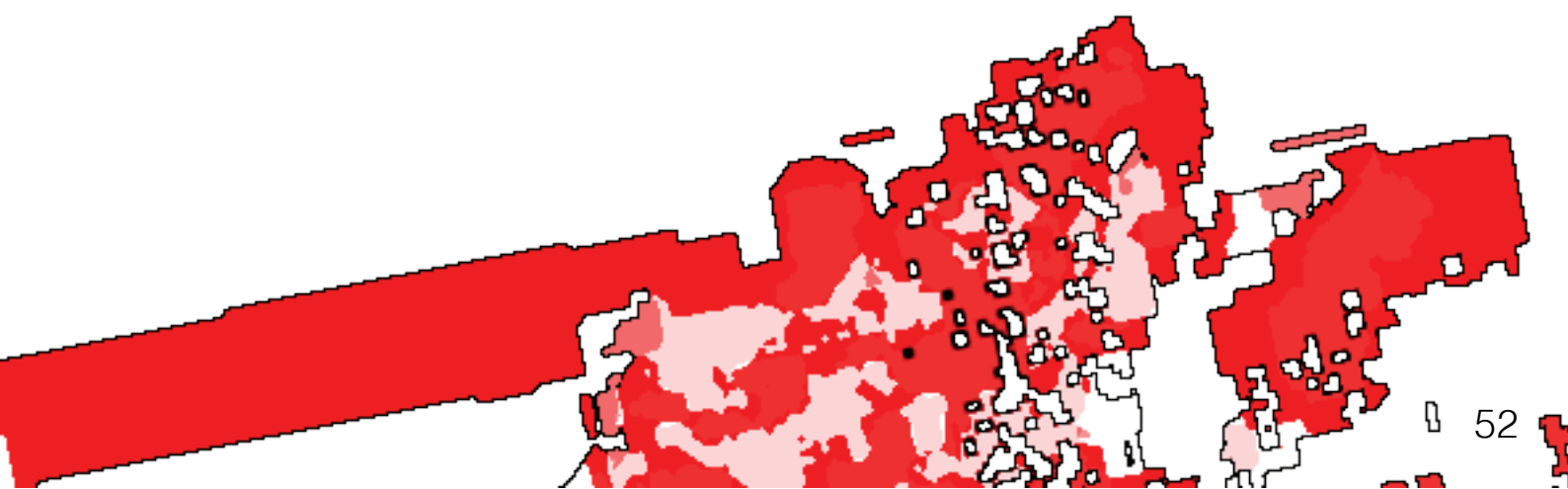
**Nome Social** - Nome que uma pessoa trans ou não-binária deseja ser chamada. Pode ser diferente do nome legal - em Portugal não se pode mudar o nome fora da lista definida.

**Passar** - Quando uma pessoa trans é percebida socialmente como o género com o qual se identifica. Nem todas as pessoas trans desejam "passar" ou alterar sua aparência. Também se refere a alguém que passa como cis, mesmo que não queira.

**Pessoa não-binária ("enby")** - Pessoa que se identifica fora do binário Mulher/Homem. É uma pessoa trans - não se identifica com o género atribuído à nascença - mas uma pessoa trans pode não ser não-binária: mulheres e homens trans. Transição de género não é só de mulher para homem ou reverso.

**Pronomes neutros** - Elu/delu, ile/dile (they/ them em inglês) ou outras variações para evitar o binarismo de género na língua. Pronomes ≠ género: Uma pessoa não-binária pode usar pronomes ele/ela, mesmo que sejam os conformes com o género atribuído à nascença. Há quem não use pronomes ou não tenha preferência.

**Queer** - Forma de existência que desafia normas fixas de género e sexualidade, corporalidade, entre outras, rejeitando categorias rígidas e abrindo espaço para expressões fluidas e diversas do ser. Uma pessoa cis-hetero pode ser queer? Sim.



**Racismo** - Sistema de opressão baseado na construção social da raça, que privilegia pessoas brancas e marginaliza pessoas racializadas.

**Racismo estrutural** - Racismo incorporado nas instituições, leis e normas sociais, perpetuando desigualdade e violência sistêmicas.

**Racismo Institucional** - Discriminação racial dentro de organizações e instituições recreativas, científicas, culturais e ambientais (e.g., escolas, polícias, hospitais, empresas, teatros, museus, venues).

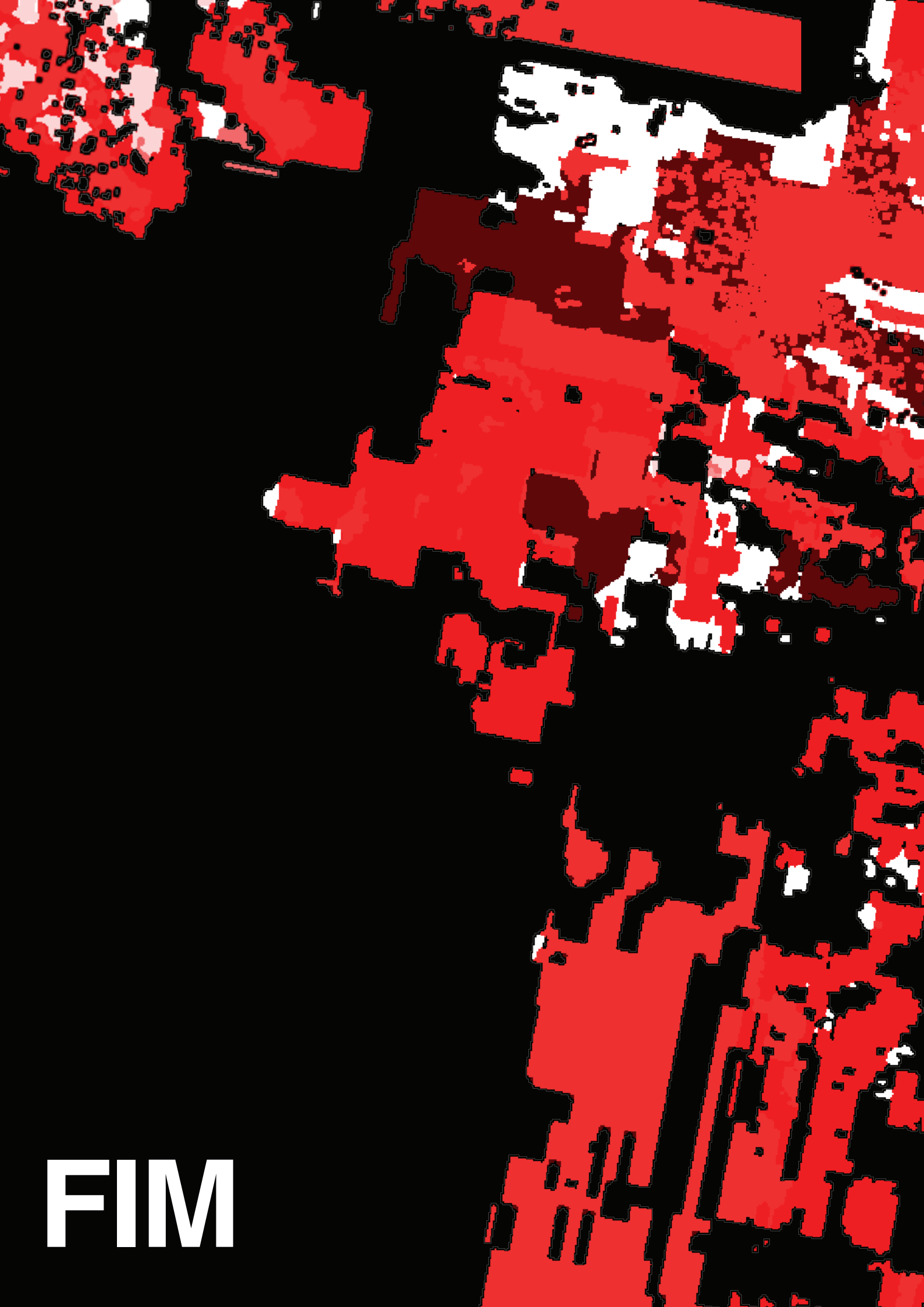
**TERF (Trans-Exclusionary Radical Feminist)** - “Feminismo” opressivo e hostil aos direitos, vivências e vozes das pessoas trans (ex., excluir pessoas trans no debate do direito ao aborto).

**Tokenismo** - Práticas ou gestos simbólicos que aparentam inclusão (racial, de gênero, etc.), sem promover mudanças reais ou estruturais. Normalmente, envolve incluir uma ou poucas pessoas de um grupo minoritário apenas para cumprir uma cota ou melhorar a imagem de uma instituição, sem dar-lhes poder real de decisão ou voz ativa (e.g., incluir num line-up de 10 artistas, 9 pessoas brancas e uma racializada). É uma representatividade superficial, a presença de alguém de um grupo marginalizado serve mais para "mostrar diversidade" do que para efetivamente mudar estruturas excludentes.

**Transfeminismo** - Feminismo que inclui a experiência e lutas das pessoas trans e não-binárias, das mulheres indígenas e das mulheres racializadas na luta contra o patriarcado.

**Transgênero (“trans”)** - Termo umbrella para pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído à nascença pela sociedade.

*Para pesquisar mais conceitos, sugerimos **o Isto Não é um Glossário da gentopia.***



**FIM**